



ACADEMIA MILITAR

OS SNIPERS NO APOIO ÀS FORÇAS CONVENCIONAIS

Aspirante Oficial Aluno João Francisco Godinho Baptista

Orientador: Major de Infantaria Anselmo Melo Dias

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, agosto de 2012



ACADEMIA MILITAR

OS SNIPERS NO APOIO ÀS FORÇAS CONVENCIONAIS

Aspirante Oficial Aluno João Francisco Godinho Baptista

Orientador: Major de Infantaria Anselmo Melo Dias

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, agosto de 2012

DEDICATÓRIA

À minha família e amigos pelo tempo que não vos dediquei.

À memória do meu avô, João dos Santos Baptista.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho de investigação aplicada foi fruto da colaboração de algumas pessoas e entidades sem as quais não teria sido possível a realização do mesmo, quer pela informação que colocaram ao dispor, quer pela forma como se envolveram no mesmo, disponibilizando todos os recursos e meios para que este fosse possível. Deste modo, a minha primeira palavra de agradecimento vai para todos os intervenientes que, de uma forma direta ou indireta, fizeram parte desta investigação.

Ao Major Anselmo Dias que, para além da orientação, foi a pessoa que de uma forma mais vincada contribuiu para esta investigação com o seu conhecimento, competência, dedicação, disponibilidade, apoio e compreensão, transversais a todas as etapas do trabalho.

Ao Tenente Coronel António Cardoso, pela preocupação, pelo apoio e pelos conhecimentos transmitidos.

Ao Centro de Tropas de Operações Especiais, na pessoa do Tenente Coronel Monteiro pela disponibilidade de meios e pessoal colocado ao dispor da investigação.

Ao Tenente Lopes e ao Tenente Miranda pelo apoio, envolvência, interesse e preocupação que demonstraram pela investigação.

A todos os elementos inquiridos que contribuíram com a sua experiência e conhecimento no sentido de enriquecer e dar qualidade a este trabalho.

Ao Professor Rui Machado pela amizade e pela revisão do trabalho.

À minha família e amigos pelo apoio e compreensão que, ao longo desta etapa de cinco anos, foram decisivas principalmente nos momentos mais críticos.

Aos companheiros de curso pela forma como, desde o primeiro dia, contribuíram para a criação de um espírito forte e saudável, indispensável durante todo o curso e, particularmente, durante esta última fase destinada à investigação.

RESUMO

Este estudo intitulado de “Os Snipers no apoio às Forças Convencionais” incide no emprego da capacidade Sniper no seio das Forças Convencionais contextualizada nos Batalhões de Infantaria.

O objetivo desta investigação é analisar a forma de emprego das equipas Sniper em proveito dos Batalhões de Infantaria e ao mesmo tempo identificar as suas principais missões e tarefas, constatando de que forma contribuem para o cumprimento das missões das unidades apoiadas.

Para a realização deste trabalho foi usado uma metodologia baseada na obra “Manual de Investigação em Ciências Sociais” da autoria de Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt, que foi adaptada à dimensão e problemática da investigação. A recolha de informação teve por base a análise documental, de dados e entrevistas.

O estudo tem início com uma sustentação teórica onde é feita uma abordagem ao atual Ambiente Operacional fazendo, entre outras, uma referência às suas principais características e às novas ameaças. Seguidamente é feita alusão ao Batalhão de Infantaria e à capacidade Sniper, onde se destaca a tipologia de operações e de empenhamento dos mesmos.

Na sequência da investigação, surge o trabalho de campo que contempla a apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos.

Finalmente, são apresentadas as conclusões onde se destaca que, face a todas as condicionantes, envolventes e características do atual Ambiente Operacional, a operacionalização da capacidade Sniper em apoio dos Batalhões de Infantaria contribui significativamente para o desenvolvimento e implementação de medidas de proteção e segurança da força, colmatando as suas limitações e concorrendo para que o cumprimento das suas missões seja efetuado de uma forma mais eficiente.

PALAVRAS-CHAVE: Sniper; Forças Convencionais; Emprego Sniper; Batalhão de Infantaria

ABSTRACT

This study titled "The Snipers in support of Conventional Forces" focuses on Sniper employment within Conventional Forces contextualized in the Infantry Battalions.

The goal of this research is to analyze the employment form of Sniper teams for the benefit of the Infantry Battalions and at the same time identify its main missions and tasks, verifying in what way it contributes to the fulfillment of the tasks of the units supported.

For the realization of this work was used a methodology based on the work "Manual de Investigação em Ciências Sociais" authored by Raymond Quivy and Luc Van Campenhoudt, which was adapted to the context and research issues. The information gathering was based on documentary analysis and interviews.

The study begins with a theoretical support where it is made an approach to the current Operating Environment by, among others, a reference to their main features and new threats. Then is made allusion to the Infantry Battalion and the Sniper capability, where stands the typology of operations and commitment.

Following the investigation, the field work that includes the presentation, analysis and discussion of the results obtained.

Finally, conclusions are presented where stands that, in the face of all the constraints, the current characteristics and surrounding Operational Environment, the operationalization of the Sniper capability in support of Infantry Battalions contributes significantly to the development and implementation of security and protection measures of strength, closing its limitations and competing for the fulfillment of their missions to be carried out more efficiently.

KEYWORDS: Sniper; Conventional Forces; Sniper Employment; Infantry Battalion

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
ÍNDICE GERAL	v
ÍNDICE DE FIGURAS	ix
ÍNDICE DE QUADROS	x
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS	xi
CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	1
1.1. Enquadramento da investigação	1
1.2. Importância da investigação e justificação da escolha	2
1.3. Definição dos objetivos	3
1.4. Delimitação da investigação	3
1.5. Metodologia.....	4
1.6. Enunciado da estrutura do trabalho	7
CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO CONCETUAL	8
2.1. O Ambiente Operacional	8
2.1.1. A conflitualidade atual.....	10
2.1.2. As ameaças	11
2.1.3. As Forças Militares.....	12
2.2. O Batalhão de Infantaria.....	12

2.2.1. Missão.....	13
2.2.2. Capacidades	13
2.2.3. Limitações.....	14
2.2.4. Emprego do Batalhão de Infantaria	15
2.3. O Sniper.....	17
2.3.1. Sniper de Operações Especiais e Snipers Convencionais.....	17
2.3.2. Missão Sniper	18
2.3.3. Capacidades e limitações Sniper	19
2.3.4. Emprego Sniper	20
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS	23
3.1. Método de abordagem	23
3.2. Técnicas, procedimentos e meios utilizados	24
3.3. Local e data da pesquisa	26
3.4. Amostragem: composição e justificação	27
3.5. Descrição dos procedimentos de análise e recolha de dados	28
3.6. Descrição dos materiais e instrumentos utilizados	28
CAPÍTULO 4 – TRABALHO DE CAMPO	29
4.1. Apresentação dos Resultados	29
4.1.1. Apresentação dos resultados relativos à questão I.....	30
4.1.2. Apresentação dos resultados relativos à questão II	31
4.1.3. Apresentação dos resultados relativos à questão III	32
4.1.4. Apresentação dos resultados relativos à questão IV	33
4.1.5. Apresentação dos resultados relativos à questão V	35
4.1.6. Apresentação dos resultados relativos à questão VI.....	36

4.2. Análise dos Resultados	38
4.2.1. Análise dos resultados relativos à questão I	38
4.2.2. Análise dos resultados relativos à questão II	39
4.2.3. Análise dos resultados relativos à questão III	40
4.2.4. Análise dos resultados relativos à questão IV	41
4.2.5. Análise dos resultados relativos à questão IV	42
4.2.6. Análise dos resultados relativos à questão VI	43
4.3. Discussão dos Resultados	44
4.3.1. Discussão dos resultados da questão I	44
4.3.2. Discussão dos resultados da questão II	45
4.3.3. Discussão dos resultados da questão III	45
4.3.4. Discussão dos resultados da questão IV	45
4.3.5. Discussão dos resultados da questão V	46
4.3.6. Discussão dos resultados da questão VI	46
CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	47
5.1. Verificação das Hipóteses	47
5.2. Resposta à pergunta de partida	49
5.3. Recomendações	49
5.4. Limitações ao estudo	50
5.5. Propostas para investigações futuras	50
BIBLIOGRAFIA	51
APÊNDICES	AP A-1
APÊNDICE A – GUIÃO DA ENTREVISTA	AP A-1
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	AP B-1

ANEXOS	A-1
ANEXO A – AS ETAPAS DO PROCEDIMENTO	A-1
ANEXO B – ORGANIGRAMA DO BATALHÃO DE INFANTARIA	B-1

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Análise dos resultados da questão I.....	38
Figura 2 - Análise dos resultados da questão II.....	39
Figura 3 - Análise dos resultados da questão III	40
Figura 4 - Análise dos resultados da questão IV	41
Figura 5 - Análise dos resultados da questão V	42
Figura 6 - Análise dos resultados da questão VI.....	43

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Dados das entrevistas estruturadas.....	26
Quadro 2 - Resumo dos resultados da questão I	30
Quadro 3 - Resumo dos resultados da questão II.....	31
Quadro 4 - Resumo dos resultados da questão III.....	33
Quadro 5 - Resumo dos resultados da questão IV	34
Quadro 6 - Resumo dos resultados da questão V.....	35
Quadro 7 - Resumo dos resultados da questão VI	36

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AM	Academia Militar
AOp	Ambiente Operacional
BI	Batalhão de Infantaria
CB	Campo de Batalha
CTOE	Centro de Tropas de Operações Especiais
EPI	Escola Prática de Infantaria
FConv	Forças Convencionais
FFAA	Forças Armadas
FM	Field Manual
FND	Forças Nacionais Destacadas
FOEsp	Forças de Operações Especiais
HVT	High Valuable Target
IESM	Instituto de Estudos Superiores Militares
OpConv	Operações Convencionais
OpEsp	Operações Especiais
QOP	Quadro Orgânico de Pessoal
QRF	Quick Reaction Force
ROE	Rules of Engagement
SConv	Sniper Convencional
SEO	Sniper Employment officer
SOEsp	Sniper de Operações Especiais
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
TO	Teatro de Operações
UEB	Unidade Escalão Batalhão

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1. Enquadramento da investigação

Este Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) surge na fase final dos cursos superiores, enquadrados pelo processo de Bolonha, ministrados pela Academia Militar (AM). Neste sentido, os alunos mestrados, no último ano de curso e no sentido de validarem a sua formação, elaboram uma investigação sobre um tema à escolha, com as finalidades de aprofundar conhecimentos nesse mesmo âmbito e, ao mesmo tempo, contactarem com método de investigação científico.

O tema que este trabalho visa abordar está subordinado ao título “Os Snipers no apoio às Forças Convencionais”, e pretende-se, para além da aplicação do método científico e da procura de um conhecimento mais abrangente nesta área, que esta investigação origine, de alguma forma no futuro, alterações com o objetivo de melhorar a realidade existente nesta área.

Atualmente, cada vez com maior frequência, os Exércitos fazem face a uma ameaça¹ assimétrica, atuando sobretudo segundo parâmetros não convencionais, e que é essencialmente caracterizada pela imprevisibilidade e dissimulação, confundindo-se com a população, tornando difícil a sua identificação e neutralização.

Deste modo, no sentido de fazer face à evolução da ameaça bem como outros fatores do Ambiente Operacional (AO), as forças militares sentiram a necessidade de desenvolver novas doutrinas e capacidades que lhes permitissem desenvolver as suas ações de forma mais eficiente.

A capacidade Sniper existente nas Forças Armadas (FFAA) de qualquer nação, não é propriamente recente. Contudo, ao longo das últimas décadas, esta tem vindo a destacar-

¹ “Genericamente, uma ameaça é qualquer acontecimento ou ação (em curso ou previsível) que contraria a consecução de um objetivo e que, normalmente, é causador de danos, materiais ou morais.” (Couto, 1988, p. 329)

se cada vez mais e assumindo, em alguns conflitos², um papel decisivo no desfecho dos mesmos³.

O Exército Português não é exceção a esta evolução, sofrendo constantes alterações e adaptações, integrando hoje a capacidade Sniper ao nível dos Batalhões de Infantaria (BI), que destaca para o cumprimento de missões a nível internacional – as Forças Nacionais Destacadas (FND).

O conceito Sniper tem, nos dias de hoje, uma importância fulcral no que concerne à tipologia das missões que são atribuídas às forças militares neste novo AOp. Assim, ao contrário daquilo que acontecia no antecedente, em que a atividade Sniper se resumia à eliminação do inimigo às mais longas distâncias, esta toma na atualidade proporções de maior relevância (Pegler, 2001, p.3).

Deste modo, torna-se evidente a presença da capacidade Sniper nos mais variados escalões.

No âmbito do Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria, o tema “Os Snipers no apoio às Forças Convencionais” procura perceber como é empregue a capacidade Sniper no seio das forças convencionais e de que forma é que estas contribuem para o cumprimento das missões desenvolvidas pelos BI.

1.2. Importância da investigação e justificação da escolha

A escolha do tema tem por base o facto da atual orgânica dos BI integrar uma estrutura Sniper e existir a necessidade de estudar a forma como melhor empregar esta capacidade, face às necessidades destes Batalhões e de acordo com o emprego previsto segundo os modelos doutrinários.

Atualmente, Portugal participa com o envio de forças, materializadas em Unidades Escalão Batalhão (UEB), para dar resposta a compromissos assumidos internacionalmente. Os Batalhões de Infantaria, face às suas limitações, sentiram necessidade de operacionalizar a capacidade Sniper no sentido de as colmatar, contribuindo para que o cumprimento das suas missões possa ser efetuado de uma forma mais eficiente.

² “O conflito é uma interação entre seres humanos (...) No conflito, os protagonistas encaram-se como «inimigos», o que significa, pelo menos, o desejo de neutralização dos membros do campo oposto (...) (Couto, 1988, p. 100)

³ Como refere Plaster (2008, p. 592), na operação das Falkland, a capacidade Sniper Britânica foi essencial para fazer face às forças opositoras, nomeadamente à capacidade Sniper Argentina, assumindo um papel decisivo no desfecho do conflito.

Este estudo tem por finalidade aprofundar a temática a que está subordinado, com particular foco nas equipas Snipers, visto que esta é uma capacidade que, apesar de estar prevista em quadro orgânico dos BI, na prática, no que concerne a questões de material e pessoal, se encontra pouco desenvolvida no seio do Exército Português, sendo objetivo desta investigação o contributo para que esta área possa ser aprofundada e desenvolvida.

1.3. Definição dos objetivos

Esta investigação tem por finalidade alcançar os objetivos determinados. Neste sentido, o estabelecer contato e aplicação do método científico pode ser considerado como o primeiro objetivo a alcançar.

A presente investigação visa de igual modo analisar a tipologia de missões que são aprontadas para se recorrer às equipas Sniper, e de que forma esta capacidade é empregue, tal como as tarefas e missões atribuídas a estes elementos contribuem para o sucesso dos encargos confiados aos Batalhões de Infantaria, no cumprimento de missões internacionais.

A pesquisa bibliográfica efetuada em torno do tema tem como finalidade analisar qual é o ponto de situação no que concerne à doutrina desenvolvida até ao momento.

Através do trabalho de campo, pretende-se recolher informação pertinente para que esta depois seja confrontada e analisada com a doutrina, gerando as respostas para as questões levantadas pela investigação, materializando o objetivo último deste trabalho de investigação

1.4. Delimitação da investigação

Esta investigação debruça-se sobre o estudo da atividade Sniper no seio das forças convencionais, particularmente em apoio dos Batalhões de Infantaria Portugueses.

Face à necessidade de delimitar esta investigação de forma organizacional, restringimos o emprego da capacidade Sniper aos BI da Brigada de Intervenção (BrigInt).

Observada a doutrina portuguesa, verificamos que ainda não existem publicações doutrinárias referentes a esta matéria. Porém, existe uma publicação interna e fichas de instrução, que permitem desenvolver a formação e treino operacional no Centro de Tropas de Operações Especiais. Deste modo, no que concerne às lacunas doutrinárias das missões

dos Snipers, iremos fazer uso dos recursos do Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE)⁴ e da doutrina NATO, materializada no manual da International Special Training Centre (ISTC), à qual os países da Aliança recorrem.

1.5. Metodologia

Vamos neste capítulo fazer uma abordagem inicial relativa à metodologia, que será explorada de uma forma mais aprofundada no capítulo três deste trabalho, designado de “Metodologia e procedimentos”.

Deste modo, foram utilizadas duas fontes que serviram de base e sustentaram a metodologia utilizada neste trabalho de índole científica, nomeadamente o Manual de Investigação em Ciências Sociais de Raymond Quivy e Luc Campenhoudt e o Guia Prático sobre a Metodologia Científica da Professora Doutora Manuela Sarmiento.

Neste sentido, o Manual de Investigação em Ciências Sociais foi essencialmente utilizado para a aplicação do procedimento de análise científico⁵, que serviu de base ao desenvolvimento da investigação.

De acordo com Raymond Quivy e Luc Campenhoudt, é apresentada uma divisão do procedimento de análise científico em três atos e sete etapas.

Desta forma, a “ruptura” surge como o título do primeiro ato sendo definido como o “(...)romper com os preconceitos e falsas evidencias que somente nos dão a ilusão de compreendermos as coisas.” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 26), constituindo-se em três etapas: a primeira etapa designada de “A pergunta de partida”, a segunda etapa com a denominação de “A exploração” e finalmente a terceira etapa “A problemática”.

Podemos dizer que este primeiro ato do procedimento científico, a “ruptura”, teve início com o estabelecimento do contacto com alguns Oficiais de Infantaria e especialistas Sniper, tal como leituras exploratórias, com a leitura de documentos e bibliografia sobre a temática a desenvolver, que por sua vez nos remeteram para o início da construção da problemática.

Surgiu então a pergunta de partida: Qual o emprego das equipas Sniper, em função das necessidades de apoio dos Batalhões de Infantaria?

⁴ Manual Escolar Sniper

⁵ Ver Anexo A – As Etapas do Procedimento.

Pretendemos então com a nossa investigação, perceber como é que a operacionalização das equipas Sniper contribuem para colmatar as limitações dos Batalhões de Infantaria e de que forma é que os Snipers concorrem para cumprimento das missões que são atribuídas aos mesmos.

Ao longo do desenvolvimento da nossa problemática, começamos a entrar no segundo ato, “A construção”. Este, à semelhança da “rutura”, engloba a terceira etapa, “A problemática”, e a quarta etapa, “A construção de um modelo de análise”, e é nesta fase que surgem as questões derivadas (QD), que nos iram auxiliar a traçar o caminho da investigação.

No decorrer da nossa investigação foram levantadas as seguintes QD:

QD1 – Face ao atual espetro da conflitualidade, em que tipologia de operações podem ser empregues os BI?

QD2 – Tendo em consideração as características do novo AOp, de que forma é que os BI sentiram necessidade de operacionalizar as equipas Sniper?

QD3 – De acordo com as necessidades dos BI, estarão as equipas Sniper organizadas e treinadas de forma a dar resposta aos pedidos dos mesmos?

Ainda dentro desta quarta etapa, no sentido de dar resposta às questões derivadas formuladas, foram elaboradas as hipóteses, que não são mais do que a nossa convicção da resposta inicial a cada questão derivada.

Deste modo foram formuladas as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 – Os BI de acordo com a sua orgânica estão preparados para conduzir, entre outras, operações ofensivas, defensivas, de estabilização e operações de apoio civil.

Hipótese 2 – Face à especificidade das tarefas a desempenhar pelos BI, estes sentiram a necessidade de operacionalizar as equipas Sniper em proveito das suas missões, contribuindo significativamente para o desenvolvimento e implementação de medidas de proteção da força.

Hipótese 3 – As equipas Sniper que integram os BI encontram-se organizadas e treinadas de forma a que consigam dar resposta às necessidades dos mesmos.

Finalmente, entramos no último ato do procedimento de análise científico, a “verificação”. Este é composto pela quinta, sexta e sétima etapas designadas de “A observação”, “A análise das informações” e “As conclusões”, respetivamente (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 27).

Para que o processo da verificação fosse efetuado da melhor maneira, minimizando o erro, para que este fosse elaborado com o intuito de recolher e analisar toda a informação

pertinente e disponível, e ainda, no sentido de sustentar o nosso modelo de análise, fizemos deslocar a algumas Unidades do Exército, com particular destaque para o CTOE e para a Escola Prática de Infantaria (EPI).

Na quinta etapa, a “Observação”, esta “(...) engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido as teste dos factos e confrontado com dados observáveis.” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 155).

Nesta etapa procura-se essencialmente a resposta a três questões fundamentais:

1- O que observar?

Durante o trabalho de campo procurámos compreender quais as principais necessidades das equipas Sniper para que estas possam garantir a um apoio eficaz aos BI que reforçam.

2- Em quem observar?

A informação recolhida teve por base diversos documentos e bibliografia, contudo a informação mais pertinente para este trabalho teve origem nas entrevistas efetuadas.

3- Como observar?

A recolha da informação necessária à elaboração deste trabalho surgiu na sua grande parte de manuais de referência, artigos de revista, artigos eletrónicos e entrevistas a militares especializados na área Sniper.

As entrevistas⁶ efetuadas procuraram abranger todo o espectro dos intervenientes qualificados na área Sniper, desde os elementos responsáveis pelo planeamento, aos elementos que operam o armamento e equipamento. As entrevistas foram ainda aplicadas a militares em que a sua formação e percurso militar foi praticamente no âmbito das operações convencionais, no sentido de permitir uma visão mais alargada no que concerne à aplicação da capacidade Sniper.

A etapa seis, “Análise da informação”, é transversal a todo o corpo do trabalho, apresentando-se no final de cada capítulo e decorre da síntese da informação mais pertinente para a construção dos mesmos.

Por fim, surge a sétima etapa, “Conclusões”, onde são apresentadas as confirmações ou infirmações das hipóteses seguindo-se a resolução da questão central.

Relativamente ao Guia Prático sobre a Metodologia Científica da Professora Doutora Manuela Sarmiento, esta obra foi utilizada essencialmente no âmbito da redação,

⁶ Ver Apêndice C – Transcrição das Entrevistas

constituindo-se como uma ferramenta indispensável na construção da apresentação da estrutura escrita da investigação.

1.6. Enunciado da estrutura do trabalho

O presente Trabalho de Investigação Aplicada é composto pelo atual capítulo designado de “Introdução” e por mais quatro capítulos, os quais são seguidos pela “Bibliografia”.

No primeiro capítulo, a “Introdução”, é feita uma apresentação geral do trabalho, dando a conhecer ao leitor o tema que vai ser desenvolvido, a importância do mesmo e a justificação da escolha efetuada, enquadrando-o e contextualizando-o. Seguidamente encontram-se expostos os objetivos deste trabalho que estiveram presentes aquando da realização da investigação, bem como a delimitação desta, fazendo uma alusão ao universo que pretende influenciar. A Introdução apresenta ainda a metodologia utilizada e que serviu de base estrutural para a investigação e estruturação do trabalho.

No segundo capítulo, “Enquadramento Concetual”, irá ser efetuada um levantamento, da literatura subordinada ao tema, com particular destaque para o AOp, as Forças Convencionais (FConv), materializadas pelos BI, e a capacidade Sniper.

No terceiro capítulo, “Metodologia e Procedimentos”, vai ser feita referência ao método de abordagem ao problema, respetiva justificação, às técnicas, procedimentos e meios utilizados, ao local, data da pesquisa e recolha de dados, à composição e justificação da amostragem utilizada, à descrição dos procedimentos de análise e recolha de dados e, finalmente, à descrição dos materiais e instrumentos utilizados.

No quarto capítulo, “Trabalho de Campo”, é apresentada, numa primeira fase, os resultados obtidos fruto das entrevistas. Numa segunda etapa, é feita uma análise dos resultados obtidos e no terceiro subtítulo estes serão discutidos.

Finalmente, constituindo o fecho da investigação, surgem no quinto capítulo as “Conclusões e Recomendações”, onde são então extraídos os resultados da investigação, analisadas as questões identificadas pela investigação, dada resposta à questão central, e ainda, efetuadas recomendações para trabalhos futuros.

CAPÍTULO 2

ENQUADRAMENTO CONCETUAL

Neste capítulo pretendemos abordar conceitos relacionados com o objeto de estudo a fim de se efetuar o estado da arte.

Deste modo vamos, numa primeira fase, fazer uma abordagem ao atual AOp reportando-nos às suas envolventes e características principais como a conflitualidade, as ameaças e as forças militares.

Seguidamente iremos desenvolver a temática das UEB, cingindo-nos aos BI, tendo por base os BI da BrigInt, onde vamos fazer referência a questões relacionadas com a missão, capacidades, limitações e emprego, ao nível do espectro das operações em que estes podem operar.

No subcapítulo seguinte, intitulado “Sniper”, vamos entrar numa outra temática relacionada com a investigação. Neste ponto será efetuada a destrição entre os conceitos de Sniper de Operações Especiais (SOEsp) e Sniper Convencional (SConv), e ainda, à semelhança do subtópico anterior, será feita alusão a questões como a missão, capacidades e empregabilidade da capacidade Sniper, quando integrada em apoio às FConv, especificamente em apoio aos BI.

2.1. O Ambiente Operacional

O “atual ambiente operacional é caracterizado por um conjunto de condições, circunstâncias e fatores influenciadores que afetam o emprego de forças militares e influenciam as decisões do comandante.” (PDE 3.0, 2012, p. 1-1).

De acordo com Garcia (2006, p.171), nos dias de hoje, existem no atual AOp fatores, como a violência, que são globais e constantes, e que nos são apresentados de uma forma assimétrica, de origem difusa, podendo ter origem em qualquer parte e serem de cariz subversivo.

Neste sentido, conforme descreve Ramalho (2010, p.11), o AOp, privilegia a presença da ameaça assimétrica, uma vez que esta é multiforme, descaracterizada, imprevisível e desproporcional aos seus diretos opositores, relativamente a uma dada dimensão de destruição ou número de baixas que esta possa originar.

Segundo Garcia (2006, p.171), a “atual conjuntura internacional (...) facilita o crescimento e o disseminar da violência internacional não estatal, deixando as guerras de obedecer à conceção típica do anterior sistema internacional.”. Na linha de pensamento do mesmo autor, esta “ascendeu aos extremos, e o que separa a guerra da selvajaria é a existência da honra do soldado.” (Garcia, 2006, p.174).

Mas, se analisarmos a perspetiva de Wallace (2008, p.5), este refere que o novo AOp apresenta como principais características a incerteza, o caos e a fricção.

De forma a complementar o referido e de acordo com a evolução registada ao nível do atual AOp, o FM 3.0 (2001, p. 1-8) contempla seis dimensões que o caracterizam e influenciam: ameaça, política, ação conjunto, operações de combate terrestre, informação e tecnologia.

Para além das dimensões que caracterizam o AOp, existe um conjunto de fatores influenciadores que são responsáveis por uma constante mudança e inconstância do mesmo. Deste modo, o atual AOp revela características influenciadoras das operações das quais podemos destacar “a globalização, a tecnologia, as alterações demográficas, a urbanização, o aumento das necessidades de recursos essenciais, as alterações climáticas e as catástrofes naturais, a proliferação de armas de destruição massiva e os estados falhados.”. (PDE 3.0, 2012, p. 1-1)

Neste sentido, face às constantes mutações e evoluções de que o AOp é alvo, as técnicas e táticas, que outrora eram aplicadas e que se constituíam como leis no planeamento e desenvolvimento das operações militares, também o são, apresentando, na atualidade, exceções que nos levam a ter que considerar outros fatores e potencialidades para as podermos aplicar.

2.1.1. A conflitualidade atual

No âmbito do AOp, vamos abordar a questão da atual conflitualidade. A conflitualidade, ou o nível desta, influencia diretamente o AOp e consequentemente a forma de aplicação das forças e capacidades militares nos Teatros de Operações (TO).

De acordo com Lousada & Escorrega (2011, p. 5) “É comum afirmar-se que vivemos presentemente um paradigma da guerra, centrado na guerra espetáculo⁷ possibilitada pelas novas tecnologias da informação e nas guerras de novo tipo, assimétricas/irregulares”.

Segundo Oliveira (2010, p. 28) os conflitos da atualidade, designados de “baixa intensidade (...) são, no entanto, muito mais sangrentos do que quando se verificava a intervenção e o confronto entre os exércitos clássicos”. Estes pressupõem uma metodologia de maior flexibilidade e progressividade caracterizando-se por “operações ao invés dos cenários altamente previsíveis da Guerra Fria” (Wallace, 2008, p. 2).

Uma outra característica da conflitualidade atual é, de acordo com Oliveira (2010, p. 28), a tendência para se polarizarem “entre o extremo das “guerras relâmpago” e os “conflitos intermináveis” ”.

Segundo o mesmo autor, esta nova tipologia de conflitos “envolve todas as redes disponíveis” (Oliveira, 2010, p. 29) e “atores paraestatais, sub-estatais ou marginais, que foram sempre agentes de violência, (...) só agora vão ganhando estatuto de partes da guerra (...) ” (Lousada & Escorrega, 2011, p. 11) procurando influir aos níveis político, económico-social e militar com a finalidade de “convencer os líderes políticos adversários que os seus objetivos são inatingíveis ou muito caros para os benefícios esperados, provocando consequências no sistema internacional como um todo” (Garcia, 2006, p. 174).

Simultaneamente, assiste-se a uma mudança dos conflitos de áreas abertas para áreas cada vez mais fechadas e urbanizadas (Lousada & Escorrega, 2011, p. 9), criando a confusão entre objetivos civis e militares, e onde a “violência extrema é exercida contra não combatentes e sobre todos os domínios da vida social (...)” (Garcia, 2006, p. 173).

Deste modo, a “nova conflitualidade violenta adota assim, elementos da guerra convencional, da guerra revolucionária ou da contra insurreição” (Oliveira, 2010, p. 29).

Em suma, vamos continuar a assistir a conflitos marcados por excessivas perdas humanas onde “devido ao aumento da letalidade e do alcance dos sistemas de armas, bem

⁷ Segundo Oliveira (2010, p. 27) esta “caracteriza-se pela utilização de sistemas de armas altamente tecnológicos e modernos utilizando táticas à distância para reduzir as baixas nas suas tropas.”

como à tendência dos inimigos e adversários se misturarem com a população, os riscos para os combatentes e não combatentes serão muito maiores.” (PDE 3.0, 2012, p. 1-5).

Nestes conflitos “as maiores vítimas são os civis que representam 90% das baixas (...), constituindo-se acima de tudo como principal objetivo.” (Garcia, 2006, p. 174).

Seguidamente, iremos abordar a ameaça que, à semelhança da conflitualidade, constitui-se como outro fator influenciador do AOp.

2.1.2. As ameaças

A ameaça presente nos atuais TO é o resultado de diversas influências aos mais diversos níveis políticos, económicos, sociais, religiosos, enfim da globalização. Esta, “transformou ameaças e contribuiu decisivamente para os novos riscos e perigos, como os impactos do terrorismo internacional, os falhanços do sistema monetário global, a degradação ambiental, os perigos decorrentes de acidentes humanos catastróficos” (Escorrega, 2009, p. 1).

Neste sentido, na atualidade “o inimigo não é identificável, as ameaças são inquantificáveis e o equilíbrio internacional é imprevisível, imperando as entidades caóticas ingovernáveis, estatais e não estatais que fazem com que os riscos sejam múltiplos, difusos e globais.” (Lousada & Escorrega, 2011, p. 6).

Segundo o PDE 3.0 (2012, p. 1-6), este novo AOp tem como principais ameaças os estados, as organizações, as pessoas, os grupos ou condições que possam causar dano ou destruir as vidas humanas, os recursos vitais ou as instituições.

Na linha de raciocínio da mesma fonte podemos dividir e categorizar as ameaças em: tradicionais, irregulares, catastróficas e desestabilizadoras (PDE 3.0, 2012, p. 1-6).

Relativamente às ameaças tradicionais, estas podem abranger os estados que empregam a sua capacidade militar de uma forma convencional. Por outro lado, no que concerne às ameaças irregulares, estas são constituídas pelos oponentes que fazem uso de meios e métodos não convencionais. Caracterizam as ameaças catastróficas aquelas que envolvem o adquirir, o fazer posse e o emprego de armas de destruição massiva. Finalmente, as ameaças desestabilizadoras, consistem no desenvolver de novas tecnologias pelo nosso oponente e cuja finalidade se “prende com o reduzir ou anular as vantagens das nossas forças em determinados domínios operacionais críticos” (PDE 3.0, 2012, p. 1-6).

2.1.3. As Forças Militares

Na sequência da abordagem à ameaça, contextualizada no atual AOp, surgem as forças militares empregues nos TO, como principal recurso de combate a estas.

Da mesma forma que o AOp e as ameaças evoluem, apresentando diferentes características e formas de atuação, as forças militares necessariamente têm de se adaptar no sentido de acompanhar estas evoluções e mudanças.

Deste modo, este novo AOp exige às forças militares que adaptem as suas táticas às situações nas quais são empregues. Estas devem orientar o seu esforço no sentido de procurar cumprir as suas missões da forma mais eficiente e com o mínimo de danos colaterais possíveis.

Segundo o PDE 3.0 (2012, p. 2-1), “As forças militares estão preparadas para atuar em todo o espetro do conflito com a finalidade de atingir uma paz estável e alcançar os objetivos que lhe foram definidos pela política.”

Neste sentido e segundo a mesma fonte, particularizando as forças terrestres, com destaque para os BI, estas conseguem, em simultâneo, conciliar uma diversa tipologia de operações desde “operações defensivas, ofensivas e de estabilização, ou operações defensivas, ofensivas e de apoio civil” (PDE 3.0, 2012, p. 2-12).

É nesta tipologia de operações, em que os BI são empregues, que estes sentiram necessidade de operacionalizar a capacidade Sniper.

2.2. O Batalhão de Infantaria

Uma vez efetuada o estudo do atual AOp, vamos de seguida abordar a temática do BI, analisando as suas principais características, potencialidades e limitações, face às necessidades levantadas pelo novo AOp.

De acordo com o manual do BI da EPI (2001, p. II-1) existem quatro tipos de BI: os mecanizados, os aeromóveis, os aerotransportados e os BI, propriamente ditos. Nesta investigação, no sentido de delimitarmos e conduzirmos a mesma numa única direção, teremos por base a orgânica do BI⁸ da BrigInt.

Desta forma, fazendo uso do Quadro Orgânico de Pessoal (QOP) da BrigInt, podemos caracterizar o BI como “um sistema de manobra, caracterizado pelo emprego de

⁸ Anexo B – Organigrama do Batalhão de Infantaria.

forças que combinam o movimento e o poder de fogo, para alcançar uma posição de vantagem sobre o adversário, permitindo a essas forças cumprirem a missão. Constituem o sistema decisivo e operam em todo o campo de batalha.” (EME, 2009, p. 4).

2.2.1. Missão

Segundo EPI (2001, p. II-1) “Um Batalhão de Infantaria está organizado e equipado para que possa cumprir as suas missões.”. Este tem como “missão fundamental de combate (...) a de aproximar-se do inimigo e destruí-lo ou capturá-lo pelo fogo e movimento”. (EPI, 2001, p.II-1).

Fazendo uso do FM3-21.20 (2006, p 1-1), este refere que a missão primária do BI é estreitar o contato com o Inimigo (In) através do fogo e movimento. A sua finalidade é destruir ou capturar o In, repelir os seus assaltos pelo fogo, combate próximo e contra-ataque ou simultaneamente por ambos. Este conduz ainda operações contra forças In convencionais ou não convencionais em todos os tipos de terreno ou condições meteorológicas. Ao BI, para além da sua finalidade primária, podem ainda ser atribuídas outro tipo de tarefas tais como operações de estabilização e operações de apoio à população, de uma forma independente ou como parte integrante de uma força de maior amplitude.⁹

De acordo com o PDE 3-52.05 (2012, p. 1-4) e com QOP do BI da BrigInt (EME, 2009, p.2), “O BI prepara-se para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza”.

2.2.2. Capacidades

“O Batalhão de Infantaria tem a possibilidade de rapidamente desenvolver e manter o combate (...) ele pode ser rapidamente colocado a longas distâncias pelo transporte aéreo tático ou estratégico (ou marítimo) e combater logo após chegada.” (EPI, 2001, p. II-1 – II-2).

⁹ Tradução livre à responsabilidade do autor.

Ao BI pode ser atribuída uma diversificada tipologia de missões em qualquer tipo de terreno, sob quaisquer condições meteorológicas e em todos os níveis de conflito, devido à versatilidade e adaptabilidade inerente às tropas de Infantaria. (EPI, 2001, p. II-2)

De acordo com o quadro orgânico de pessoal (EME, 2001, p. 3), o BI possui uma vasta lista de possibilidades e capacidades que devido à sua extensão foram remetidas para o Anexo C – Possibilidades e Capacidades do BI.

2.2.3. Limitações

Dentro do que está previsto na orgânica dos BI, face à tipologia das ameaças e das características do AOp, este uma vez empregue nas áreas de operações, apresenta algumas limitações.

As limitações apontadas aos BI pelo (FM3-21.20, 2006, p. 1-2) são¹⁰:

Falta de mobilidade orgânica, havendo a necessidade de ser reforçado com viaturas para deslocamentos a longas distâncias.

Baixo poder de fogo e proteção contra fogos inimigos e contra ameaça Nuclear Biológica e Química e Radiológica (NBQR).

Incapacidade para levar a cabo operações independentes durante longos períodos de tempo.

Por outro lado, se analisarmos QOP do BI, temos que este apresenta como limitações “Sobrevivência face a ameaça blindada; grande consumo das classes III¹¹, V¹² e IX¹³; terreno impeditivo a unidades montadas; reduzida capacidade comando e controlo (C2) quando desmontado; projeção estratégica da força limitada pelo equipamento pesado;” (EME, 2009, p.6).

¹⁰ Tradução livre à responsabilidade do autor.

¹¹ Combustíveis, óleos e lubrificantes. (AM, 2007, p. 77)

¹² Munições de todos os tipos. (AM, 2007, p. 77)

¹³ Sobressalentes. (AM, 2007, p. 77)

2.2.4. Emprego do Batalhão de Infantaria

Os BI estão constituídos, organizados e preparados para serem empregues em empenhamentos, enquadrados em batalhas.

A forma como o BI vai ser empregue no cumprimento das missões que lhe são confiadas vai depender, entre outros, de fatores como a ameaça, a tipologia da operação, o AOp e da intenção do comandante.

O emprego previsto para o BI pode dividir-se em quatro tipos de operações distintos: ofensivas, defensivas, de estabilização e operações de apoio civil (PDE 3.0, 2012, p. 2-17).

De acordo com o PDE 3-52.05 (2012, p. 2-1) “a finalidade primária das Operações Ofensivas é destruir o In ou conquistar terreno.” Segundo a mesma fonte, as operações ofensivas podem ainda ser levadas a cabo com o objetivo de “conquistar terreno decisivo; obter informações; privar o In de recursos; iludir ou desviar a atenção do In da área de realização do esforço; fixar as Forças In; obter iniciativa; desorganizar a ação ofensiva do In; deslocalizar ou isolar o In”, entre outras (PDE 3-52.05, 2012, p. 2-1).

Assim, as ações ofensivas são em última instância aquelas que dão a garantia do sucesso numa batalha. Com efeito, estas não se cingem apenas à destruição do inimigo podendo contemplar entre outras “conquista de terreno decisivo, obter de informações pertinentes, privar o inimigo de recursos e meios, desorganizar a ação ofensiva, fixar as forças inimigas em pontos estratégicos obter iniciativa para a realização de outras operações” (PDE 3.0, 2012, p. 6-1).

Por outro lado, “As operações defensivas procuram garantir o insucesso do ataque inimigo, derrotar as suas forças, ganhar tempo, economizar forças e criar condições favoráveis para conduzir operações ofensivas ou de estabilização.” (PDE 3-52.05, 2012, p. 3-1).

Um BI quando empregue em operações de defesa tem como finalidades, entre outras, “Provocar o insucesso do ataque do inimigo desgastando a sua capacidade ofensiva, manter a posse do terreno e impedir o seu controlo por parte do inimigo, ganhar tempo, economizar forças de modo a permitir a sua concentração noutra local” (PDE 3.0, 2012, p. 7-1).

As operações de estabilização constituem-se noutra tipologia de missões que podem ser desenvolvidas pelos BI e “compreendem o conjunto de missões, tarefas e atividades militares, conduzidas fora do Território Nacional (TN) em coordenação com outros

instrumentos nacionais do poder ou integrando forças combinadas no âmbito dos compromissos internacionais assumidos por Portugal.” (PDE 3-52.05, 2012, p. 4-1).

Esta tipologia de operações tem como finalidades, entre outras “proporcionar um ambiente seguro, estabelecer áreas seguras, satisfazer as necessidades básicas da população, obter apoios para o governo da nação hospedeira” (PDE 3.0, 2012, p. 8-1).

No que concerne às operações de apoio civil “O Exército tem por missão principal participar, de forma integrada, na defesa militar da República, a fim de garantir a independência nacional, a integridade do território e a liberdade e segurança das populações contra qualquer agressão ou ameaças externas.” (PDE 3-52.05, 2012, p. 4-1).

Neste sentido o BI pode ser chamado a dar resposta, entre outras, a tarefas como “resposta a acidentes graves ou catástrofes, apoio na satisfação das necessidades básicas e melhoria da qualidade de vida das populações, apoio na resposta a acidentes graves/incidentes Nuclear, Biológico, Químico e Radiológico, com possibilidade de associação a Explosivos (NBQR-E)” (PDE 3.0, 2012, p. 9-1).

De acordo com o QOP (EME, 2009, p. 4), o conceito de emprego do BI da BrigInt, BI em análise neste estudo, prevê, entre outras, a aplicação do BI em:

Situações que seja necessário poder de fogo, proteção e fácil projeção.

Força de projeção inicial em situações de conflito de média/alta intensidade e em Operações de Resposta a Crises (CRO).

TO de alta intensidade:

Operações: ofensivas; defensivas; transição; aeromóveis; aerotransportadas

Operações em ambientes específicos: em território controlado pelo In; forças cercadas.

TO de média / baixa intensidade

Participar em Operações de Apoio à Paz (OAP)

Noutras Operações e Tarefas de Resposta a Crises

Conduzir operações integrando subunidades ligeiras, pesadas ou especiais.

2.3. O Sniper

Neste subcapítulo, agora que efetuada uma abordagem ao AOp e aos BI, vamos de seguida entrar noutra campo de ação integrante desta investigação, que se prende com a capacidade Sniper em apoio às FConv, delimitando a nossa investigação à aplicação desta capacidade aos BI.

A capacidade Sniper, quando integrada numa força, constitui-se como um fator multiplicador do potencial da mesma, podendo ser aplicada nas mais diversas tarefas dada a sua flexibilidade e versatilidade de emprego.

Segundo o FM 3-21.21 (2003, C-1) “É muito importante que todos os comandantes percebam as capacidades e limitações das equipas Sniper. Quando devidamente empregues, estas podem contribuir significativamente para o combate”¹⁴.

Em FND, a capacidade Sniper, é parte integrante dos BI, reforçando-os no sentido de colmatar limitações, contribuindo significativamente para o aumento do seu potencial de combate e para o cumprimento das missões que lhes são confiadas.

À semelhança de outros países europeus, como a Holanda e outros de igual dimensão a Portugal, a formação, manutenção de qualificações e aprontamento de elementos com esta capacidade, encontra-se sob a responsabilidade das Forças de Operações Especiais, alimentando simultaneamente a vertente convencional e não convencional.

2.3.1. Sniper de Operações Especiais e Snipers Convencionais

Na perspetiva do FM 23-10 (1994, p. 1-1) “Um Sniper tem aptidões, treino e equipamento especial. Os seus alvos são deliberadamente selecionados e o seu empenhamento passa por fazer fogo de precisão.”¹⁵

Antes de abordarmos questões como as missões e o emprego Sniper, no sentido de evitar qualquer confusão de conceitos e contexto, existe a necessidade de diferenciar os conceitos de Sniper de Operações Especiais (SOEsp) e Sniper Convencional (SConv).

De acordo com (ISTC, 2004, part 2), esta define SOEsp como “um elemento voluntário, especialmente treinado em tiro a longa distância e a desenvolver ações no

¹⁴ Tradução livre à responsabilidade do autor

¹⁵ Tradução livre à responsabilidade do autor

terreno, podendo adquirir alvos selecionados de posições desafiadas, a distâncias e sobre condições que não são possíveis ao normal atirador”¹⁶.

O tipo de formação inicialmente ministrada a estes dois tipos de Snipers, em áreas como o tiro, a camuflagem e a observação, é exatamente a mesma. Com efeito, após esta formação inicial, o SOEsp vai continuar a sua formação e treino no sentido de dominar técnicas, táticas e equipamento que o habilitam ao cumprimento de missões de Operações Especiais (OpEsp), e que o distinguem dos SConv. (Lopes, 2012, p. 35).

Aquilo que distingue um SOEsp e um SConv é “o grau de risco, as técnicas operacionais, o modo de emprego, a independência de apoio das forças amigas e a dependência da informação operacional”¹⁷ (ISTC, 2004, part 1).

Agora que os conceitos de SOEsp e SConv se encontram esclarecidos, vamos, no resto da nossa investigação, recorrer ao termo Sniper e de toda a envolvência relativa ao mesmo, abordando este apenas na vertente convencional, na medida em que sempre que surja algum conceito ou ideia relacionado com a capacidade, não haja espaço para qualquer tipo de dúvida ou confusão.

2.3.2. Missão Sniper

De uma forma generalista, podemos definir a missão de um Sniper como o garantir apoio às operações através do emprego de fogos de precisão contra alvos selecionados. A missão de um Sniper passa ainda por adquirir e reportar informação do campo de batalha¹⁸ (FM 3-21.20, 2006, p. 1-10).

De acordo com o QOP da BrigInt as equipas Sniper “destinam-se a missões Snipers convencionais, nomeadamente: patrulhas combate; emboscadas; contra Sniper; observação avançada; operações militares em áreas urbanizadas; e integrar forças em contacto ou em reserva nas operações retrógradas.” (EME, 2009, p. 4).

Segundo o FM3-90.2 (2003, p. F-2), podemos dizer que a missão de um Sniper é apoiar as operações de combate através do emprego de fogos de posições furtivas ao mesmo tempo que passa por cumprir tarefas designadas pelo comandante¹⁹.

¹⁶ Tradução livre à responsabilidade do autor

¹⁷ Tradução livre à responsabilidade do autor

¹⁸ Tradução livre à responsabilidade do autor

¹⁹ Tradução livre à responsabilidade do autor

Neste sentido e perante estas definições, podemos dizer que a missão de um Sniper passa, por um lado, por empregar fogos de precisão às mais longas distâncias contra alvos deliberados e, de outra perspetiva, por cumprir objetivos ou tarefas designadas pelo comandante de acordo com a sua intenção, seja ela a recolha de informações, influenciar o desenvolver das ações inimigas, o gerar a desorganização e o medo no seio das forças inimigas, entre outras.

De acordo com ISTC (2004, part 2), as missões previstas para uma equipa Sniper, podem ser agrupadas em três vertentes diferentes: monitorização de área, armas combinadas e operações próximas.

Deste modo, no que diz respeito às missões de monitorização de área estas podem incluir “patrulhas de combate, emboscadas, observação, regulação de fogos, operações em terreno urbanizado, e operações retrógradas onde os Snipers podem ser parte das forças em contato ou ficar na retaguarda das forças”²⁰(ISTC, 2004, part 2).

Relativamente à vertente das armas combinadas estas podem desempenhar as mais diversas missões dada a sua versatilidade de emprego²¹.

Finalmente, no que diz respeito às operações próximas os Snipers podem “estabelecer contato com alvos a distâncias mais longas em relação ao alcance efetivo de uma arma de infantaria comum.”²² (ISTC, 2004, part 2).

2.3.3. Capacidades e limitações Sniper

A capacidade Sniper, materializada nas equipas que a constituem, como qualquer tipo de capacidade militar, apresenta potencialidades que a especializam, diferenciando-a.

Deste modo podemos apontar como principais capacidades desta especialidade²³ (ISTC, 2004, part 2):

- Causar a confusão e hesitação entre os comandantes inimigos
- Causar o emprego precoce do ataque inimigo
- Negar o uso do terreno por um curto período de tempo
- Suprimir o inimigo no ataque ou na defesa seletivamente
- Desmoralizar o inimigo negando aos comandantes um lugar seguro na retaguarda onde planeiam ou consolidam as suas forças
- Recolher informação

²⁰ Tradução livre à responsabilidade do autor

²¹ Tradução livre à responsabilidade do autor

²² Tradução livre à responsabilidade do autor

²³ Tradução livre à responsabilidade do autor

Como limitações as equipas Sniper não têm a capacidade de “manter a posse do terreno, estabelecer bases de fogos e de se tornar decisivamente empenhadas”²⁴ (ISTC, 2004, part 2)

2.3.4. Emprego Sniper

A capacidade Sniper é empregue de acordo com diversos fatores, entre os quais podemos destacar o estado do conflito. Deste modo, dividimos o emprego Sniper em tempo de guerra e em tempo de paz.

Nesta perspetiva, em tempo de guerra o emprego Sniper passa por “flagelar, impedir, destruir e barrar o movimento às unidades inimigas”²⁵ (ISTC, 2004, part 2).

Relativamente ao tempo de paz esta capacidade pode ser empregue, entre outras, em treino, missões de apoio, operações de deceção, operações de demonstração de força e apoio às operações de salvamento”²⁶ (ISTC, 2004, part 2).

De uma forma geral, a capacidade Sniper pode ser empregue numa diversa tipologia de operações abrangida pelas operações ofensivas, defensivas e de estabilização.

Deste modo, nas operações ofensivas os Snipers “têm um papel preponderante na medida em que podem eliminar alvos inimigos que ameacem o sucesso do nosso ataque, observar e relatar a atividade inimiga ou dar resposta a pedidos de informação chave para o desenvolver das nossas ações ofensivas.” (FM 3-21.20, 2006, p. F-6)²⁷

Ainda nas operações ofensivas, os Snipers podem ser aplicados durante o ataque ou no movimento para o contacto, podendo desenvolver operações como eliminar com fogos de precisão guarnições de armas coletivas, comandantes inimigos, condutores de viaturas blindadas, alvos que ameaçam um contra ataque ou que se encontrem em fuga, comandantes e outro pessoal designado, cobrir o movimento das forças amigas através da supressão de alvos inimigos que ameaçam o movimento das forças, entre outras.²⁸ (FM 3-06.11, 2002, p. 6-3)

Relativamente às operações defensivas “os Snipers, após efetuarem a análise do terreno, devem propor ao comandante opções no sentido de aumentar o plano de fogos

²⁴ Tradução livre à responsabilidade do autor

²⁵ Tradução livre à responsabilidade do autor

²⁶ Tradução livre à responsabilidade do autor

²⁷ Tradução livre à responsabilidade do autor

²⁸ Tradução livre à responsabilidade do autor

defensivos da unidade.”²⁹ (FM 3-90.2, 2003, p. F-5), podendo desenvolver tarefas como cobrir obstáculos, campos minados, bloqueios de estradas e demolições, danificar ou destruir veículos com fraca blindagem, empenhar inimigo, eliminando condutores de viatura e guarnições de armamento pesado, executar contra reconhecimento através da eliminação de elementos de reconhecimento inimigo, entre outros.³⁰ (FM 3-06.11, 2002, p. 6-3)

No que diz respeito a operações de estabilização, podemos destacar, entre outros, as operações em ambientes urbanos, as operações de apoio e estabilização e o patrulhamento.

O valor tático que uma equipa Sniper quando em apoio a forças que desenvolvem operações urbanas, depende de fatores como o tipo de operação, o nível de conflito e a Regras de Empenhamento (ROE)³¹³² (FM 3-21.20, 2006,p. F-11). Durante a condução de operações em ambiente urbano o comandante pode atribuir às equipas Sniper tarefas como eliminar alvos de oportunidade, negar acesso ao inimigo a determinada área ou eixo de aproximação, providenciar apoio de fogos em barricadas ou outros obstáculos designados importantes, manter a segurança dos eixos de aproximação dos flancos e retaguarda, entre outros. (FM 3-90.2, 2003, p. F-8-9).

As operações de apoio e estabilização são sem dúvida aquelas onde a área Sniper desempenha um papel de maior importância. Devido às restrições impostas pelas ROE, no que concerne às limitações de danos colaterais, as equipas Sniper são como que um trunfo para o comandante, uma vez que conseguem adquirir e eliminar alvos inimigos com fogos precisos, minimizando o risco de baixas civis.³³ (FM 3-21.20, 2006, p. F-12)

No âmbito do patrulhamento, a atividade Sniper difere consoante o tipo de patrulhamento que as forças se encontram a desenvolver.

Neste sentido e no que concerne às patrulhas de reconhecimento, as ações atribuídas às equipas Sniper passam por providenciar apoio às mais longas distancias para que o elemento de reconhecimento possa manobrar o mais afastado possível do elemento de segurança.³⁴ (FM 3-90.2, 2003, p. F-10).

Nos golpes de mão, as equipas Sniper quando integradas no elemento de segurança

²⁹ Tradução livre à responsabilidade do autor

³⁰ Tradução livre à responsabilidade do autor

³¹ De acordo com o Regulamento de Campanha – Operações (2005, p. 2-12) as regras de empenhamento constituem “orientações e instruções aos comandantes no terreno, no âmbito do quadro dos objectivos políticos e militares, durante a execução de uma operação. Simultaneamente, definem o grau e a forma como a força deve ser aplicada (...)”.

³² Tradução livre à responsabilidade do autor

³³ Tradução livre à responsabilidade do autor

³⁴ Tradução livre à responsabilidade do autor

têm como tarefas a observação, o evitar que o inimigo se evada da área do objetivo e apoiar a retirada do elemento de assalto. Tem ainda a tarefa de, após retirada do elemento de assalto, retardar o contra ataque ou a tentativa de perseguição inimiga.³⁵ (FM 3-21.20, 2006, p. F-13).

Nas emboscadas, os Snipers posicionam-se em áreas que permitam bons campos de tiro e observação para áreas onde o inimigo possa fugir uma vez iniciada a ação no objetivo. O facto de estarem equipados com armamento que lhes permite fazer fogo a maiores distâncias, permite-lhes estarem afastados do objetivo.³⁶ (FM 3-90.2, 2003, p. F-10).

³⁵ Tradução livre à responsabilidade do autor

³⁶ Tradução livre à responsabilidade do autor

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

Uma vez efetuada a revisão da literatura, onde foi apresentada informação essencial para a compreensão e enquadramento da investigação, vamos de seguida abordar mais pormenorizadamente a metodologia utilizada neste trabalho, já referida na introdução.

Neste sentido, este capítulo tem por objetivo explicar a metodologia empregue e os seus procedimentos ao longo do processo de investigação científico.

Desta forma, o percurso deste trabalho teve início com a exploração, que comporta essencialmente as operações de leituras exploratórias visando “essencialmente assegurar a qualidade da problematização” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 49).

No sentido de complementar a informação compilada na revisão da literatura, foram simultaneamente recolhidas informações na primeira pessoa, através da aplicação de entrevistas.

3.1. Método de abordagem

Na medida em que estamos na presença de um trabalho de investigação, a construção da estrutura do mesmo tem por base uma metodologia de investigação que permite a organização deste. Esta metodologia contempla o levantamento de uma problemática e fornece ao mesmo tempo uma forma de resolução da mesma, com vista a que, no final da investigação, se obtenham resultados do estudo.

A finalidade desta investigação prende-se com a procura de uma resposta à questão central formulada inicialmente: Qual o emprego das equipas Sniper, em função das necessidades de apoio dos Batalhões de Infantaria?

Para o efeito, foram formuladas hipóteses em torno da questão central às quais procuramos dar resposta, organizando assim o trabalho e tornando a investigação mais rigorosa “a hipótese fornece à investigação um fio orientador particularmente eficaz que, a partir do momento em que ela é formulada, substitui nessa função a questão da pesquisa,

mesmo que esta deva permanecer presente na nossa mente” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 119).

O método científico no qual esta investigação se baseou foi o hipotético-dedutivo³⁷. Este método apresentou-se como o mais adequado à investigação, na medida em que tem por base um raciocínio que parte da generalidade para a particularidade, reunindo, desta forma, um conjunto de normas que conduziram a pesquisa no sentido de, no final, se obterem conclusões válidas.

A informação sobre o tema escolhido não é vasta mas, ainda assim, houve necessidade de limitar o campo da investigação, sendo que a informação utilizada para esta dissertação foi, na sua grande maioria, proveniente da análise de documentos e bibliografia, nacional e internacional, bases de dados em linha e ainda em entrevistas a entidades reconhecidas.

3.2. Técnicas, procedimentos e meios utilizados

O processo de pesquisa engloba diversas fases, sendo a recolha de dados parte integrante deste. Deste modo uma vez iniciada a investigação subordinada ao tema “Os Snipers no apoio às Forças Convencionais”, recorreu-se a diversos tipos de fontes de informação, nomeadamente a pesquisa bibliográfica³⁸ e a informação primária³⁹ (Sarmiento, 2008, pp. 14-15).

Podemos então englobar na pesquisa bibliográfica os artigos constantes em publicação em série, as publicações periódicas, bases de dados em linha e trabalhos de investigação científica. Relativamente à informação primária utilizada esta teve por base as entrevistas (Sarmiento, 2008, p. 15).

As entrevistas foram aplicadas no sentido de colmatar e completar algumas lacunas em questões de informação que, não estando disponibilizadas em suporte bibliográfico e documental, resultam das experiências vivenciadas por especialistas na área.

³⁷ Podemos definir o método hipotético-dedutivo como um modelo que “gera, através de um trabalho lógico, hipóteses, conceitos e indicadores para os quais se terão de procurar correspondentes no real” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 144).

³⁸ De acordo com Sarmiento (2008, pp. 14-15) “A pesquisa bibliográfica obtém-se a partir da revisão da literatura, originando a bibliografia geral e específica sobre o tema em estudo”

³⁹ Segundo Sarmiento (2008, p. 15), fontes primárias são aquelas consultadas para determinado fim específico.

Foram aplicadas dois tipos de entrevistas: as informais e as estruturadas (Gil, 1999, p. 119). As entrevistas informais têm como objetivo recolher informação geral sobre o tema a ser tratado “O que se pretende com entrevistas deste tipo é a obtenção de uma visão geral do problema pesquisado (...)” (Gil, 1999, p. 119). Por outro lado, as entrevistas estruturadas, foram conduzidas de acordo com “uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente não são em grande número” (Gil, 1999, p. 121).

As perguntas que constituíam o guião tinham como finalidade orientar a entrevista, com o objetivo de procurar resposta para as hipóteses levantadas pela investigação. Contudo, houve espaço para o debate de outras temáticas relacionadas com as perguntas e que naturalmente iam surgindo. Outra finalidade das entrevistas foi a procura da opinião dos entrevistados sobre o tema, o que contribuiu para o enriquecimento da investigação, na medida em que gerou informação que auxiliou na compreensão da temática.

Relativamente à informação recolhida através da aplicação de entrevistas, podemos dizer que estas tiveram por base os métodos inquisitivo⁴⁰ e sistemático⁴¹ (Sarmiento, 2008, p. 5), com predominância do primeiro. Estas, com destaque para as informais, revestiram-se de enorme importância não só pela informação que estas originaram, mas também pelas deduções que daí surgiram, contribuindo significativamente para uma melhor compreensão e perceção da realidade.

Todas as entrevistas foram efetuadas de forma presencial e aplicadas individualmente. Estas foram ainda planeadas e elaboradas tendo em conta a delimitação do trabalho, a caracterização da população da investigação e direcionadas para os objetivos em investigação.

Posteriormente, a informação disponibilizada pelos entrevistados foi alvo de análise, estando disponível em quadros resumo no capítulo seguinte. Estes quadros têm como objetivo sistematizar a informação, permitindo o acesso de uma forma rápida e clara às principais ideias de cada entrevistado.

⁴⁰ O método sistemático “assenta na interpretação dos acontecimentos” (SARMENTO, 2008, pág. 5).

⁴¹ O método inquisitivo “é baseado no interrogatório escrito ou oral”. (SARMENTO, 2008, pág. 5).

3.3. Local e data da pesquisa

Para que este trabalho fosse possível, houve necessidade de procurar informação respeitante ao mesmo. Neste sentido, desde o início da investigação, foram recolhidas informações em determinados momentos e locais.

No que diz respeito à pesquisa bibliográfica, a procura da informação teve início com o projeto do trabalho e foi transversal à duração do tempo de realização deste, tendo a procura da mesma sido efetuada em diversos estabelecimentos e unidades do Exército, como a Academia Militar (AM), o Instituto de Estudos Superiores Militares (IESM), o Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE), a Escola Prática de Infantaria (EPI), entre outros.

Como foi referido anteriormente, foram efetuadas dois tipos de entrevistas, as informais e as estruturadas. No âmbito das entrevistas informais, estas tiveram lugar em diferentes momentos e unidades do Exército, onde houve uma procura da informação junto de militares especializados na temática em estudo.

As entrevistas estruturadas efetuadas para recolha de informação no âmbito deste trabalho de investigação aplicada tiveram lugar em duas unidades distintas do Exército, o CTOE e a EPI, e em diferentes datas.

Deste modo, numa primeira fase, foram aplicadas entrevistas a militares do CTOE, sediados em Lamego, e estas decorreram nos dias oito e nove de Julho do ano de dois mil e doze. Posteriormente, foram aplicadas as mesmas entrevistas a militares que se encontravam colocados na EPI, em Mafra, que tiveram lugar nos dias dezassete, vinte, e vinte e quatro do mês de Julho de dois mil e doze.

De seguida é apresentada um quadro onde se encontra a informação relativa às entrevistas estruturadas, e onde é feita referência aos entrevistados, ao local e à data onde estas tiveram lugar.

Quadro 1 - Dados das entrevistas estruturadas

Entrevistado	Unidade / Local	Data
Coronel Ribeiro	EPI / Mafra	17Jul12
Tenente-Coronel Monteiro	CTOE / Lamego	08Jul12
Tenente Lopes	CTOE / Lamego	08Jul12
Tenente Miranda	CTOE / Lamego	08Jul12

Sargento Ajudante Rebelo	CTOE / Lamego	08Jul12
Primeiro-sargento Marques	CTOE / Lamego	08Jul12
Primeiro-sargento Almeida	EPI / Mafra	24Jul12
Furriel Ferraz	EPI / Mafra	20Jul12

3.4. Amostragem: composição e justificação

Relativamente à amostra escolhida para a aplicação das entrevistas, os principais fatores tidos em consideração foram, por um lado a experiência nas áreas que o trabalho foca, particularmente a área Sniper e a área das operações convencionais e, por outro, as funções desempenhadas pelos entrevistados, ao longo do seu percurso militar.

Neste sentido, no CTOE foram entrevistados:

O Tenente Coronel Monteiro, comandante das Forças de Operações Especiais, na medida em que, dadas a suas funções, é o responsável da capacidade Sniper em Portugal e ao mesmo tempo pela sua experiência nesta componente.

O Tenente Lopes, comandante dos Grupos de Operações Especiais Alfa e Bravo, pelo facto da capacidade Sniper estar inserida neste campo e pela sua experiência nesta componente.

O Tenente Miranda, segundo comandante da companhia de instrução pela experiência na componente Sniper.

O Sargento-Ajudante Rebelo, sargento de informações do Grupo de Operações Especiais Alfa, pela sua experiência na componente Sniper e, simultaneamente, pela sua experiência internacional no desempenho de funções como Sniper no TO de Timor.

O Primeiro-Sargento Marques, comandante das equipas Sniper e simultaneamente Sargento de pelotão Sniper, pela sua experiência na componente Sniper e pela sua experiência internacional no desempenho de funções como Sniper no TO do Afeganistão

Na Escola Prática de Infantaria, foram entrevistados:

O Coronel Ribeiro, comandante da EPI, pela sua experiência no âmbito das Operações Convencionais e nas missões internacionais no seio dos BI, no TO do Kosovo.

O Primeiro-Sargento Almeida, pela sua experiência na componente Sniper e, ao mesmo tempo, pela sua experiência internacional no desempenho de funções como Sniper no TO do Kosovo.

O Furriel Ferraz, aluno do Curso de Formação de Sargentos do Exército, pela sua experiência na componente Sniper e pela sua experiência internacional no desempenho de funções como Sniper, no TO do Kosovo.

3.5. Descrição dos procedimentos de análise e recolha de dados

Vamos de seguida efetuar uma abordagem aos procedimentos de análise e recolha de dados.

No âmbito dos procedimentos de análise de dados, foi efetuada para cada entrevista a transcrição⁴² das respostas dadas, possibilitando o tratamento dos dados fornecidos pelos entrevistados de uma forma qualitativa e quantitativa.

Na recolha dos dados relativos às entrevistas estruturadas foi feito uso de um guião de entrevista⁴³.

Neste sentido, foi atribuído a cada entrevista um número, sendo que esta atribuição foi efetuada de uma forma aleatória, não havendo qualquer relação ou correspondência com características dos entrevistados, isto é, a entrevista E1 diz respeito a um dos entrevistados, não existindo relação com a ordem pela qual os dados são apresentados no Quadro 1, com o posto, função, unidade ou outro tipo de relação.

3.6. Descrição dos materiais e instrumentos utilizados

Durante a realização do trabalho de campo, como já foi referido, foi feito uso de um Guião da Entrevista e, foi utilizado um gravador Olympus, com o objetivo de gravar a informação, para que mais tarde esta pudesse ser tratada e não ocorresse nenhuma omissão da mesma.

⁴² Ver Apêndice B – Transcrição das Entrevistas

⁴³ Ver Apêndice A – Guião da Entrevista

CAPÍTULO 4

TRABALHO DE CAMPO

Este capítulo encontra-se dividido em três grandes momentos, nomeadamente: a apresentação dos resultados, análise de resultados e a discussão dos resultados.

Deste modo, no primeiro momento, vão ser apresentados os dados recolhidos no que concerne à pesquisa bibliográfica e, numa segunda fase, a informação gerada pelas entrevistas efetuadas, de acordo com os guiões utilizados durante a realização das mesmas e tendo em conta as questões levantadas pela investigação.

Num segundo momento, efetuou-se uma análise descritiva dos dados recolhidos, onde se comparam os resultados obtidos nas entrevistas e a informação respeitante ao segundo capítulo, enquadramento concetual.

Por fim, o terceiro momento, onde será analisada a concordância ou discordância dos resultados obtidos, qual o seu significado, eventuais implicações e o estabelecimento de relações de causa e efeito.

4.1. Apresentação dos Resultados

Tal como referido, no capítulo três, “Metodologia e Procedimentos”, o tratamento dos resultados obtidos, no que concerne às entrevistas foi, por um lado efetuado de uma forma qualitativa através da análise do conteúdo destas e, por outro, quantitativa no estudo da informação sob um ponto de vista estatístico.

Relativamente aos dados apresentados pela análise qualitativa, através de respostas às perguntas constantes no guião da entrevista, identificaram-se os aspetos comuns e aqueles em que os entrevistados deram maior ênfase e relevo⁴⁴. Para uma melhor sistematização da informação e para que esta possa ser acedida mais rapidamente e simultaneamente de fácil compreensão, foram elaborados quadros resumo para cada questão.

⁴⁴ Aspetos relativos às necessidades dos BI e às potencialidades do Sniper em apoio às FCConv.

4.1.1. Apresentação dos resultados relativos à questão I

No que concerne à primeira questão, a generalidade dos inquiridos afirma que o facto da capacidade Sniper ter sido concentrada no Centro de Tropas de Operações Especiais se deve a questões essencialmente financeiras. São ainda referenciados outros fatores tais como: questões de segurança, criticidade da formação de elementos Sniper e dificuldades em manter a formação, o treino e manutenção das qualificações. Pode-se ainda destacar que a capacidade Sniper prevista em QOP responde aos requisitos operacionais levantados pela NATO.

O quadro dois apresenta um resumo das principais ideias de cada entrevistado no que diz respeito à primeira questão.

Quadro 2 - Resumo dos resultados da questão I

Entrevistados	Questão I: “Qual a sua opinião em relação à capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria?”
E1	A capacidade Sniper encontra-se no CTOE devido a questões financeiras.
E2	A capacidade Sniper prevista em QOP corresponde aos requisitos operacionais levantados pela NATO A capacidade Sniper encontra-se concentrada no CTOE devido a questões financeiras, da criticidade da formação e de segurança.
E3	Ter SConv nas FConv seria o mais adequado. Face aos recursos, este é o melhor modelo de organização e emprego. Os SOEsp são cedidos às FConv porque é difícil manter a formação, o treino e as qualificações destes elementos.
E4	A capacidade Sniper das FFAA que está sob a responsabilidade do CTOE dada a dimensão desta, os recursos disponíveis e questões financeiras.
E5	A capacidade Sniper encontra-se apenas no CTOE devido a questões do foro financeiro.
E6	A capacidade Sniper nas FA está concentrada no CTOE por razões financeiras e de falta de recursos.

E7	A capacidade Sniper cinge-se ao CTOE devido a questões financeiras Deveria de existir simultaneamente as duas capacidades Sniper.
E8	Deveria de existir simultaneamente as duas capacidades Sniper.

4.1.2. Apresentação dos resultados relativos à questão II

Relativamente a esta questão, verificou-se que todos os entrevistados, fizeram referência aos mesmos pontos, apontando para lacunas ao nível do pessoal, onde existe uma escassez de recursos para fazer face às necessidades de apoio Sniper no seio dos BI, e lacunas ao nível do material, referindo que este se encontra desenquadrado com a tipologia das missões convencionais e que deveria ser atualizado para fazer face às necessidades que os TO e a tipologia de missões da atualidade exigem.

O quadro três apresenta um resumo das principais ideias de cada entrevistado no que diz respeito à segunda questão.

Quadro 3 - Resumo dos resultados da questão II

Entrevistados	Questão II: “De acordo com a sua experiência, pensa que a capacidade Sniper que atualmente integra os Batalhões de Infantaria é suficiente em recursos materiais e humanos para dar resposta aos pedidos efetuados aos mesmos?”
E1	A capacidade Sniper atual é suficiente em recursos humanos e materiais.
E2	A capacidade Sniper de OpEsp quando integra as FConv deveria ter outro tipo de armamento mais adequado à tipologia das missões convencionais. Não dispomos de pessoal suficiente para fazer face às necessidades.
E3	Não dispomos de recursos humanos Sniper suficientes para dar reposta eficaz. Deveríamos ter ao dispor armamento diferenciado para apoiar as FConv nomeadamente armas com sistema de repetição e de calibre intermédio a 7,62mm e 12,7mm, bem como outro tipo de equipamentos.

E4	Deveria de haver maior quantidade de armamento e equipamento Sniper Deveriam ser enviados mais militares com a valência Sniper em FND
E5	A capacidade Sniper atual não é suficiente em material e pessoal. De acordo com a missão temos de empregar determinado tipo de armamento e equipamento, e dispormos de mais ou menos Snipers.
E6	Existem poucos elementos Sniper a ser destacados em FND. Deveria de haver outro tipo de equipamento e renovação do armamento.
E7	Os recursos humanos Sniper em FND não são suficientes. Deveria de haver outro tipo de armamento.
E8	Têm sido destacados poucos elementos Sniper para dar resposta a todos os pedidos. Deveria de ser adquirido novo armamento.

4.1.3. Apresentação dos resultados relativos à questão III

No que diz respeito à terceira questão, também se verificou que a generalidade dos entrevistados fez referência aos mesmos pontos, dividindo o emprego Sniper em dois grupos principais, por um lado temos o emprego ao nível da recolha de informações e observação, e num outro grupo colocaram todas as outras tarefas que uma equipa Sniper pode desenvolver, destacando como principais missões a eliminação da ameaça ou HVT, com tiro de precisão às médias e longas distâncias, segurança e proteção da força, contra Sniper, reconhecimentos e empenhamento noutras tarefas no âmbito das operações ofensivas e defensivas.

O quadro quatro apresenta um resumo das principais ideias de cada entrevistado no que diz respeito à terceira questão.

Quadro 4 - Resumo dos resultados da questão III

Entrevistados	Questão III: “De que forma são operacionalizadas as equipas Sniper em função das missões atribuídas aos Batalhões de Infantaria?”
E1	Segurança a altas entidades, reconhecimento, segurança e proteção da força.
E2	Recolha de informações, eliminação da ameaça, contra Sniper, apoiar retiradas. Existem duas áreas fundamentais: recolha de informação e o desenvolver outras missões convencionais no âmbito Sniper.
E3	Apoio a CRO, apoio a checkpoints, tiro de precisão a médias e longas distâncias. Podemos atuar como elemento de combate ou como elemento de recolha de informações para o comandante.
E4	Recolha de informação e observação do campo de batalha. Apoio a longas distâncias com fogo de precisão.
E5	Recolha de informações, segurança e proteção da força. Eliminação da ameaça através de tiro de precisão às mais longas distâncias.
E6	Patrulhamento, reconhecimentos, escoltas, missões de proteção de força Outras tarefas que pudessem ter apoio Sniper a desenvolver pelo BI.
E7	Vigilância, segurança da força, guiamento da força até a posição e reconhecimentos.
E8	Segurança e proteção da força, reconhecimentos, obtenção de informações, guiamento das forças até à posição e segurança a altas entidades.

4.1.4. Apresentação dos resultados relativos à questão IV

Na questão quatro, todos os entrevistados deixaram claro que a capacidade Sniper, independentemente de ser oriunda das FConv ou das FOpEsp, é sempre uma mais-valia para um comandante de um BI, pelas mais diversas razões, entre as quais deram ênfase à diminuição dos danos colaterais. Referiram também que a forma como está pensada e

articulada esta capacidade no âmbito nacional, isto é, serem equipas Sniper, com formação na área de OpEsp, a apoiar os BI é uma vantagem que pode ser explorada pelo comandante do BI, apesar da tipologia de missões ser voltada para o convencional.

O quadro cinco apresenta um resumo das principais ideias de cada entrevistado no que diz respeito à quarta questão.

Quadro 5 - Resumo dos resultados da questão IV

Entrevistados	Questão IV: “No seu ponto de vista pensa que as equipas Sniper são uma mais-valia para os Batalhões de Infantaria quando integrados nestes?”
E1	A capacidade Sniper é sempre uma mais-valia para um comandante. A formação em OpEsp é também uma vantagem.
E2	É sem dúvidas uma mais-valia para o comandante. Estas equipas serem oriundas das FOpEsp é uma vantagem. Podendo existir uma escolha, penso que um comandante levaria consigo equipas Sniper de OpEsp em detrimento das equipas SConv.
E3	É sempre uma mais-valia para um comandante ter a capacidade Sniper. Diminuição dos danos colaterais dado a sua capacidade de fazer fogo de precisão. É uma vantagem os elementos Sniper que integram os BI serem elementos de OpEsp.
E4	A capacidade Sniper para o comandante é sempre uma mais-valia. O emprego de equipas SOpEsp em FConv está a ser bem utilizado.
E5	A capacidade Sniper é sempre um trunfo de qualquer comandante. O facto das equipas serem de OpEsp é um fator que pode ser explorado.
E6	É sempre um ponto forte para o comandante ter ao dispor a capacidade Sniper O facto das equipas serem de OpEsp é um fator que pode ser explorado.
E7	A capacidade Sniper é um ponto forte constituindo-se como uma mais-valia para um BI.
E8	É sem dúvida uma mais-valia pela tranquilidade e segurança que dá aos comandantes e aos homens.

4.1.5. Apresentação dos resultados relativos à questão V

Nesta questão, todos os entrevistados, à exceção de um, referiram que um dos pontos que em missões futuras deveria ser alterado, com vista a rentabilizar o desempenho das equipas Sniper, seria o emprego de um oficial, com formação na área Sniper, que tenha como função o estabelecer da ligação entre o comandante da força apoiada e o emprego das equipas Sniper.

Foi também abordado, nesta questão, por alguns entrevistados que deveria de haver uma maior aposta no armamento, equipamento, e que deveriam integrar as FND maior número de militares com a especialidade Sniper.

O quadro seis apresenta um resumo das principais ideias de cada entrevistado no que diz respeito à quinta questão.

Quadro 6 - Resumo dos resultados da questão V

Entrevistados	Questão V: “O que poderia ser alterado para que as equipas Sniper pudessem rentabilizar o seu empenhamento?”
E1	Acompanhar a evolução do armamento e equipamento.
E2	Deveria de existir um elemento oficial, com especialidade de Sniper, para fazer a ponte entre a capacidade Sniper e o comandante.
E3	Deveríamos apostar mais no material, particularmente no que concerne às munições, sistemas óticos de visão noturna e armamento com sistema de repetição.
E4	Deveria de existir um elemento oficial, com especialidade de Sniper, para fazer a ponte entre a capacidade Sniper e o comandante.
E5	Deveria de existir um elemento oficial, com especialidade de Sniper, para fazer a ponte entre a capacidade Sniper e o comandante. De acordo com a missão deveriam ser enviados mais ou menos elementos Sniper.
E6	Deveria de existir mais militares com a valência Sniper a integrar as FND. Deveria de existir um elemento oficial, com especialidade de Sniper, para fazer a ponte entre a capacidade Sniper e o comandante.

E7	Deveria de existir um elemento de ligação que coordenasse e empregasse da melhor forma a capacidade Sniper nos BI. Deveria ser dada maior liberdade de ação às equipas Sniper.
E8	Deveria de existir um elemento oficial, com conhecimentos Sniper, para fazer a ligação entre o emprego da capacidade Sniper e o comandante.

4.1.6. Apresentação dos resultados relativos à questão VI

Relativamente à última questão, as opiniões dos entrevistados convergem para os mesmos pontos destacando-se, no que diz respeito ao material e armamento, o facto de haver a necessidade de adquirir aparelhos de visão noturna e novo tipo de armamento, que irá possibilitar à capacidade Sniper que integra os BI, um melhor apoio à tipologia de missões no âmbito do convencional. É ainda feita referência, no que concerne a questões humanas, que as FND deveriam integrar mais equipas Sniper, bem como um oficial com especializado nesta área, com o objetivo de estabelecer uma melhor ligação entre o comandante e esta capacidade.

O quadro sete apresenta um resumo das principais ideias de cada entrevistado no que diz respeito à sexta questão.

Quadro 7 - Resumo dos resultados da questão VI

Entrevistados	Questão VI: “Dada a rápida mutação e evolução do novo Ambiente Operacional, como perspectiva que futuramente as equipas Sniper possam ser equipadas, constituídas e empenhadas/operacionalizadas?”
E1	As equipas Sniper vão continuar a ser empregues dentro da mesma tipologia de operações.
E2	Aquisição de armamento de calibre intermédio entre 7,62mm e 12,7mm, com sistemas de repetição ao invés do de ferrolho. Destacar mais elementos Sniper com os contingentes Portugueses Os comandantes devem tirar mais partido da observação e recolha de informações que o sistema de armas Sniper lhes proporciona.

E3	<p>Aquisição de armamento com sistema de repetição e de calibre diferente dos existentes, ficando os três calibres ao dispor das equipas Sniper.</p> <p>A estrutura das equipas deve manter-se a atual, embora deveriam ser destacadas em maior número.</p>
E4	<p>Destacar mais elementos Sniper com os contingentes Portugueses.</p> <p>Substituição das armas de sistema de ferrolho pelas de repetição.</p> <p>Empenhamento de um Oficial Sniper como elemento de ligação.</p>
E5	<p>A estrutura das equipas deve manter-se a atual, embora estas deveriam ser destacadas consoante a necessidade de empenhamento.</p> <p>Aquisição de armamento de diferentes calibres e com sistema de repetição.</p>
E6	<p>A estrutura das equipas deve manter-se a atual, embora deveriam ser destacadas em maior número.</p> <p>Deverá haver maior disponibilidade de equipamento, nomeadamente ao nível de aparelhos de visão noturna e o armamento passará pela substituição do sistema de ferrolho para o de repetição.</p>
E7	<p>Adquirir armamento novo com sistema de repetição e de calibre diferente daquele que dispomos atualmente.</p> <p>Adquirir equipamento novo que possibilite ações Sniper em condições de visibilidade reduzida.</p> <p>Destacar mais militares com capacidade Sniper com os BI.</p>
E8	<p>Destacar mais militares com habilitados com a valência Sniper com os BI em FND.</p> <p>Adquirir armamento novo com sistema de repetição e de calibre diferente daquele que dispomos atualmente.</p> <p>Adquirir equipamento para operar em ambientes de visibilidade reduzida.</p>

4.2. Análise dos Resultados

Uma vez apresentados os resultados, vamos de seguida efetuar uma análise dos mesmos. Para a análise dos resultados, foram tidas em análise algumas respostas destacadas como mais relevantes pelos entrevistados, constituídas em segmentos e designados pelos caracteres alfabéticos.

A análise será efetuada verificando a incidência de cada segmento e apresentada sob a forma de percentagem.

4.2.1. Análise dos resultados relativos à questão I

Relativamente à questão I, “Qual a sua opinião em relação à capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria?”, verificou-se que 12,5% dos entrevistados afirma que a capacidade Sniper está concentrada no CTOE devido a questões de segurança, 75% refere que a concentração da capacidade Sniper no CTOE se deve a questões de recursos (financeiros e de infraestruturas), 12,5% afirma que esta concentração está relacionada com a difícil a manutenção das qualificações e do treino Sniper e 12,5% referiram que a capacidade Sniper existente corresponde aos requisitos operacionais NATO. Da amostra de entrevistados, 37,5% referiram ainda que deveria existir em simultâneo as capacidades de Sniper convencional e Sniper de operações especiais. A figura um apresenta a análise de resultados para a questão I.

Figura 1- Análise dos resultados da questão I

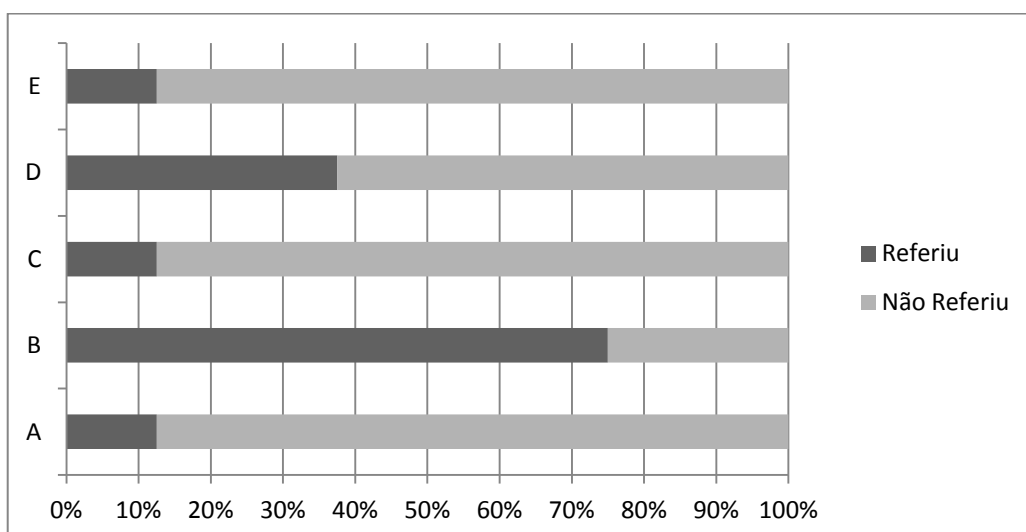


Tabela 1 - Descrição dos segmentos da questão I

Segmento	Descrição do segmento
A	A capacidade Sniper está concentrada no CTOE por questões de segurança
B	A capacidade Sniper está concentrada no CTOE por questões de recursos
C	A capacidade Sniper está concentrada no CTOE por ser difícil a manutenção das qualificações e do treino Sniper
D	Deveria existir em simultâneo as capacidades de SConv e SOEsp
E	A Capacidade Sniper atual corresponde aos requisitos operacionais NATO

4.2.2. Análise dos resultados relativos à questão II

No que diz respeito à questão II, “De acordo com a sua experiência, pensa que a capacidade Sniper que atualmente integra os Batalhões de Infantaria é suficiente em recursos materiais e humanos para dar resposta aos pedidos efetuados aos mesmos?”, 12,5% da amostra afirmou que a capacidade Sniper que atualmente integra os BI é suficiente para dar cumprimento às missões que estes desenvolvem, 87,5% diz que as equipas Sniper de OpEsp deveriam ter outro tipo de armamento quando integram as forças convencionais e para o cumprimento de missões no âmbito convencional e 75% refere que os recursos humanos Sniper que atualmente integram os BI não são suficientes para dar resposta a todas os pedidos que estes efetuam.

Figura 2 - Análise dos resultados da questão II

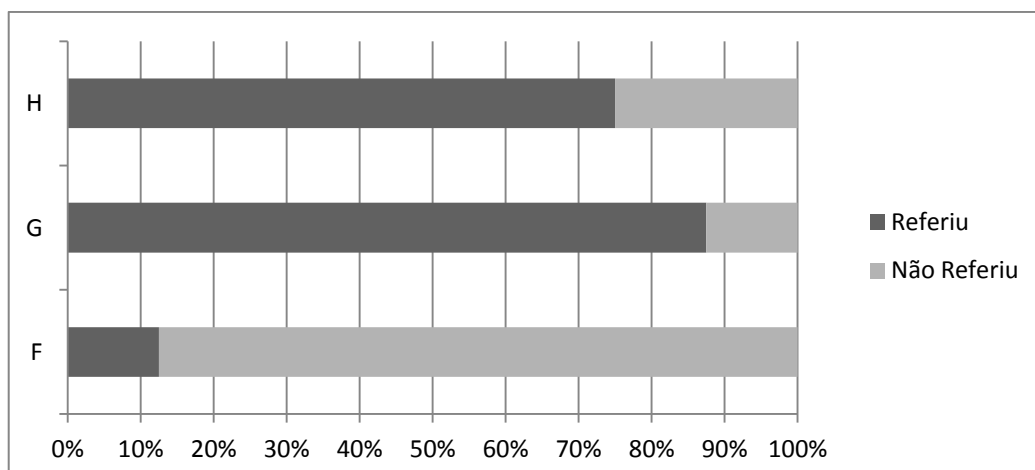


Tabela 2 – Descrição dos segmentos da questão II

Segmento	Descrição do segmento
F	A capacidade Sniper que atualmente integra os BI é suficiente
G	As equipas SOEsp deveriam ter outro tipo de armamento quando integram as FConv
H	Os recursos humanos Sniper que atualmente integram os BI não são suficientes para dar resposta a todas as solicitações dos mesmos

4.2.3. Análise dos resultados relativos à questão III

No que concerne à questão III, “De que forma são operacionalizadas as equipas Sniper em função das missões atribuídas aos Batalhões de Infantaria?”, 62,5% afirmou que as equipas Sniper desenvolviam missões de recolha de informações, 50% dos entrevistados referiu que as principais tarefas desenvolvidas em proveito dos BI são no âmbito do reconhecimento, da segurança e proteção da força, 37,5% fez referência a segurança a altas entidades e 12,5% abordou a questão do patrulhamento.

Figura 3 - Análise dos resultados da questão III

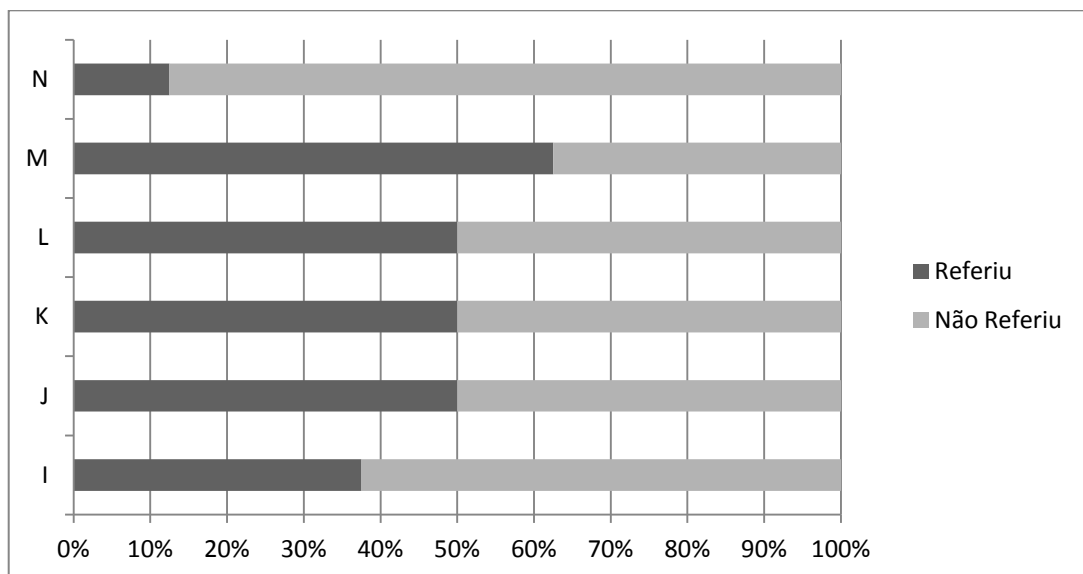


Tabela 3 – Descrição dos segmentos da questão III

Segmento	Descrição do segmento
I	Segurança a altas entidades
J	Reconhecimento
K	Segurança da força
L	Proteção da força
M	Recolha de informações
N	Patrulhamento

4.2.4. Análise dos resultados relativos à questão IV

Em relação à questão IV, “No seu ponto de vista pensa que as equipas Sniper são uma mais-valia para os Batalhões de Infantaria quando integrados nestes?”, a totalidade do universo dos entrevistados afirma que a capacidade Sniper integrar os BI é uma mais-valia para estes, 75% refere ainda que o facto dos elementos Sniper terem formação na área de operações especiais é uma vantagem e 12,5% dizem que se tivessem opção de escolha entre equipas Sniper convencional e equipas Sniper de operações especiais, optariam pelas segundas.

Figura 4 - Análise dos resultados da questão IV

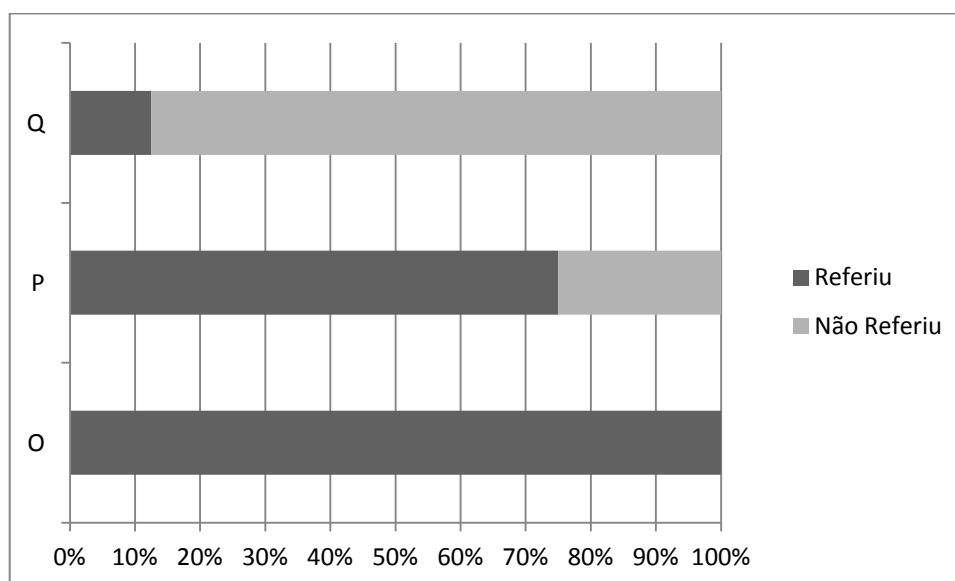


Tabela 4 - Descrição dos segmentos da questão IV

Segmento	Descrição do segmento
O	As equipas Sniper são uma mais-valia para os BI
P	É uma vantagem os elementos Sniper que integram as FND terem formação na área de operações especiais
Q	Havendo possibilidade de escolha, optavam pelas equipas de SOEsp

4.2.5. Análise dos resultados relativos à questão V

Na questão V, “O que poderia ser alterado para que as equipas Sniper pudessem rentabilizar o seu empenhamento?”, 25% dos entrevistados fizeram referência a mudanças ao nível do armamento, equipamento e ao facto de haver a necessidade de destacar mais elementos com a valência Sniper nas FND. 75% dos militares fizeram referência para a importância de haver um elemento oficial que estabeleça-se a ligação entre o comando do BI e o emprego da capacidade Sniper e finalmente 12,5% da amostra afirmou que deveria ser dada mais liberdade de ação aos elementos Sniper no cumprimento das suas missões.

Figura 5 - Análise dos resultados da questão V

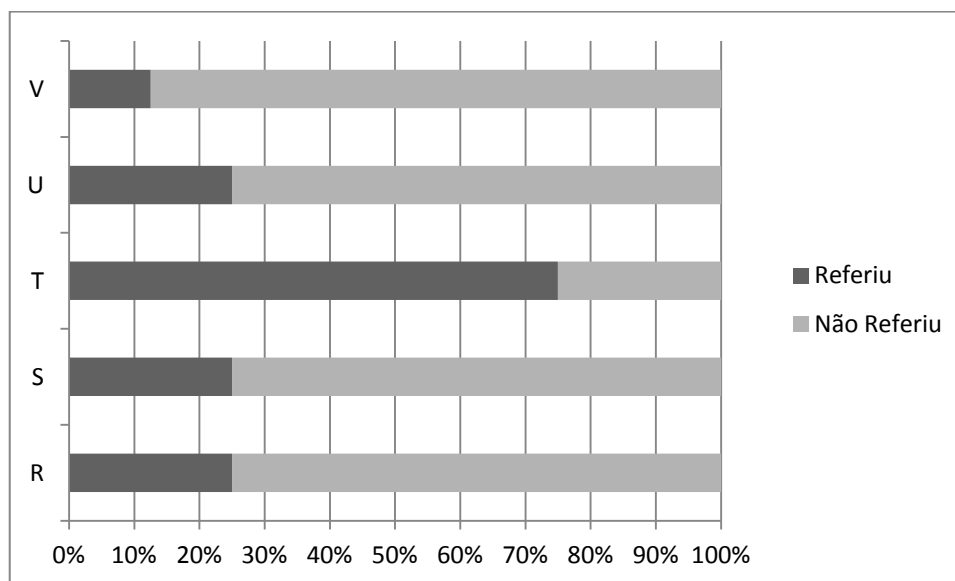


Tabela 5 - Descrição dos segmentos da questão V

Segmento	Descrição do segmento
R	O armamento
S	O equipamento
T	A capacidade Sniper que reforça os BI deveria ser sempre acompanhada por um Oficial de ligação
U	Deveriam de integrar as FND mais elementos com a valência Sniper
V	Deveria ser dada mais liberdade de ação às equipas Sniper

4.2.6. Análise dos resultados relativos à questão VI

No que concerne à questão VI, “Dada a rápida mutação e evolução do novo Ambiente Operacional, como perspetiva que futuramente as equipas Sniper possam ser equipadas, constituídas e empenhadas/operacionalizadas?”, 75% da amostra refere que para dar uma resposta mais eficaz ao novo AOp e às novas ameaças se deveria destacar mais elementos com a capacidade Sniper nos contingentes portugueses e que se deveria adquirir armamento diferenciado para apoio a FConv com outros calibres e com sistema de semi automatismo. 37,5% abordaram a questão da importância dos aparelhos de visão noturna no cumprimento de missões em ambientes de visibilidade reduzida e 12,5% prevê que a tipologia de tarefas Sniper, na enquadrante do novo AOp, continue a ser semelhante à que tem desenvolvido nos últimos empenhamentos integrando os BI.

Figura 6 - Análise dos resultados da questão VI

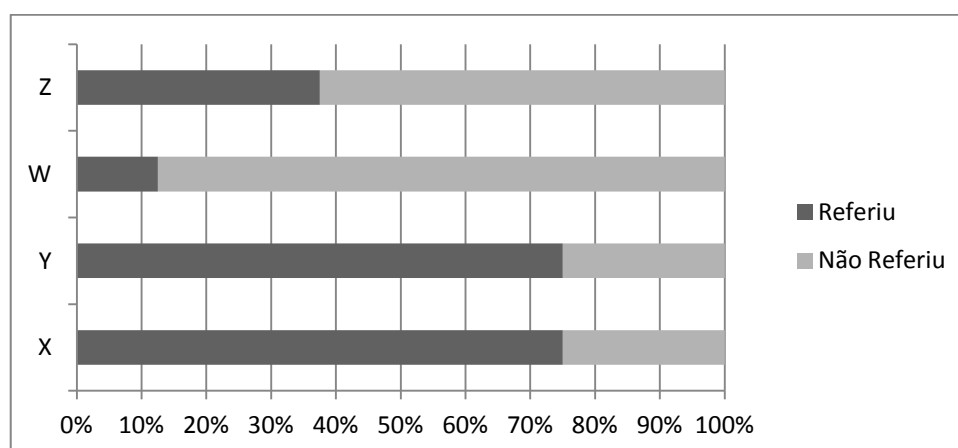


Tabela 6 - Descrição dos segmentos da questão VI

Segmento	Descrição do segmento
W	As equipas Sniper vão continuar a ser empregues nas mesmas tarefas
X	Aumento do número de elementos com a capacidade Sniper
Y	Novo armamento: novos calibres e semi automatismo
Z	Novos equipamentos que permitam levar a cabo missões em ambientes de visibilidade reduzida

4.3. Discussão dos Resultados

Uma vez apresentados e analisados os resultados gerados pelas entrevistas, vamos de seguida efetuar a discussão dos mesmos, com vista a que, posteriormente, no quinto capítulo desta investigação, se possam efetuar as conclusões relativas ao tema em análise.

4.3.1. Discussão dos resultados da questão I

No que concerne à primeira questão, a grande maioria dos entrevistados afirma que a concentração da capacidade Sniper no CTOE está relacionada com a política de contenção de recursos do Exército Português, e que se deve exclusivamente a questões de recursos financeiros e de infraestruturas. Ainda são apontados alguns argumentos para esta concentração da capacidade Sniper em Lamego como, por exemplo, questões de segurança, difícil manutenção das qualificações e treino Sniper.

Um outro aspeto a ter em consideração e que foi feito referência nesta questão, foi o facto de 37,5% dos entrevistados terem afirmado que deveria de existir em simultâneo as capacidades de SConv e SOEsp nas FFAA Portuguesas.

4.3.2. Discussão dos resultados da questão II

Relativamente à segunda questão, tal como esperado, esta mostra claramente, com uma percentagem de 87,5%, que a capacidade Sniper que atualmente integra os BI não é suficiente em recursos materiais e humanos, com maior ênfase para as questões humanas (75%), para dar resposta a todos os pedidos efetuados pelos BI.

A análise desta questão mostra ainda que, a maioria dos entrevistados afirma que as equipas SOEsp, quando integradas em reforço de um BI, deveriam ser equipadas com outra tipologia de armamento, mais vocacionado para o cumprimento de missões no âmbito convencional.

4.3.3. Discussão dos resultados da questão III

Os resultados da terceira questão surgem de acordo com as expectativas, isto é, à semelhança da doutrina, os entrevistados fizeram referência aos dois principais blocos de empenhamento da capacidade Sniper, com 62,5% a abordar a questão da recolha de informações e 50% dos entrevistados a destacar empenhamentos como o reconhecimento, a segurança e proteção da força.

Ainda foi feita referência, embora com expressão menos significativa, à importância da participação da capacidade Sniper em patrulhamentos.

4.3.4. Discussão dos resultados da questão IV

Em relação à quarta questão, as respostas obtidas, vão de encontro à expectativa inicial, com a totalidade dos entrevistados a afirmar que, quando a capacidade Sniper é integrada em apoio das FConv, esta constitui-se como um ponto forte, aumentando as suas potencialidades e colmatando as suas vulnerabilidades e limitações.

Outro apontamento merecedor de destaque, são os 75% dos entrevistados que referiram ser uma vantagem o facto destes elementos que constituem a capacidade Sniper terem simultaneamente formação na área de OpEsp, dando ainda mais versatilidade e flexibilidade de emprego a esta capacidade, podendo este fator ser explorado pelo comandante, mesmo no desenvolvimento de ações convencionais.

4.3.5. Discussão dos resultados da questão V

As repostas obtidas com a quinta questão remetem-nos para um ponto essencial que nem sempre se verifica e que é de importância fulcral para que se possa tirar um rendimento mais eficiente da capacidade Sniper quando integra uma FND, que é o facto de existir um elemento oficial, com formação na área Sniper, a acompanhar esta capacidade, com a finalidade de estabelecer a ligação entre o comando do BI e o emprego desta potencialidade.

Para além deste fator, foram apontados outros aspetos, embora não tão significativos, como melhoramentos ao nível do equipamento e armamento, incrementos ao nível do pessoal destacado com a valência Sniper e maior liberdade de ação a estas equipas quando aplicadas no cumprimento das missões atribuídas pelos BI em proveito destes.

4.3.6. Discussão dos resultados da questão VI

Na última questão, os entrevistados fazem referência a dois pontos fundamentais, que devem ser tomados em consideração para que o emprego da capacidade Sniper, junto das forças convencionais, possa ser melhorado e daí possam advir os melhores resultados para os BI, sendo eles, os recursos humanos e os recursos materiais.

Ao nível dos recursos humanos 75% da amostra refere que, no futuro, deveriam integrar a capacidade Sniper mais elementos com esta valência, o que materializaria um maior número de equipas ao dispor dos BI. Por outro lado, a mesma percentagem de entrevistados, deixou claro a importância da adequabilidade do armamento e equipamento à tipologia de missões e operações, pelo que, quando é feita a integração dos Snipers de OpEsp em apoio a FConv, deveria de existir armamento diferenciado, nomeadamente de calibre intermédio, e com sistema de semi automatismo, e ainda equipamento que permitisse dar resposta ao cumprimento de missões em condições de visibilidade reduzida, que, ao nível do nosso Exército no que concerne à capacidade Sniper, é inexistente.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Este capítulo tem como finalidade apresentar as reflexões finais sobre a investigação efetuada e simultaneamente efetuar recomendações para futuras explorações.

Neste sentido vamos, numa primeira fase, procurar dar resposta às perguntas derivadas identificadas pela investigação, confirmando ou infirmando as hipóteses estabelecidas e, conseqüentemente responder à pergunta de partida.

Uma vez efetuadas as reflexões conclusivas, serão adiantadas algumas recomendações e limitações do estudo, bem como propostas para investigações futuras.

5.1. Verificação das Hipóteses

Agora que se encontra recolhida e trabalhada a informação relativa ao tema em análise, vamos verificar as hipóteses que foram levantadas na sequência das questões derivadas estabelecidas.

Desta forma, no que diz respeito à primeira questão derivada, “Face ao atual espetro da conflitualidade, em que tipologia de operações podem ser empregues os Batalhões de Infantaria?” para a qual foi estabelecida a hipótese “Os Batalhões de Infantaria de acordo com a sua orgânica estão preparados para conduzir, operações ofensivas, defensivas, de estabilização e operações de apoio civil.”, podemos verificar que esta foi validada.

Como tal, no segundo capítulo, no subtítulo relativo ao Batalhão de Infantaria, mais especificamente na abordagem ao seu emprego, podemos verificar que segundo a publicação doutrinária do Exército 3.0 Operações, aprovada em 2012, está prevista esta tipologia de emprego para o Batalhão de Infantaria, validando desta forma a hipótese e respondendo à primeira questão derivada.

Relativamente à segunda questão derivada, “Tendo em consideração as características do novo Ambiente Operacional, de que forma é que os Batalhões de Infantaria sentiram necessidade de operacionalizar as equipas Sniper?” para a qual foi

proposta a hipótese “Face à especificidade das tarefas a desempenhar pelos Batalhões de Infantaria, estes sentiram a necessidade de operacionalizar as equipas Sniper em proveito das suas missões, contribuindo significativamente para o desenvolvimento e implementação de medidas de proteção da força.”, podemos verificar que também foi validada.

De acordo com a informação recolhida no estado da arte, no subtítulo relativo ao emprego Sniper, e com a informação originada pelas entrevistas, podemos verificar que a capacidade Sniper desempenha um papel fulcral no desenvolvimento de determinadas tarefas críticas, onde podemos destacar a proteção da força e a recolha de informação.

Na terceira questão derivada “De acordo com as necessidades dos BI, estarão as equipas Sniper organizadas e treinadas de forma a dar resposta aos pedidos dos mesmos?” a qual tinha como hipótese “As equipas Sniper que integram os BI encontram-se organizadas e treinadas de forma a que consigam dar resposta às necessidades dos mesmos.”, podemos dizer que também foi validada.

De acordo com a informação recolhida através das entrevistas, torna-se evidente que a capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria está capacitada com condições materiais e humanas para dar resposta aos pedidos efetuados pelos mesmos.

Contudo, apesar de estarem aptas a cumprir as missões para as quais são designadas em apoio dos Batalhões de Infantaria, através da informação recolhida nas entrevistas, verificou-se que, para que os empenhamentos Sniper em apoio aos Batalhões de Infantaria pudesse ser efetuado de uma forma mais eficiente, seria necessário que quando as equipas Sniper integrassem as Forças Nacionais Destacadas, para cumprimento de missões no âmbito convencional, estas deveriam ser equipadas com mais meios. Neste sentido, no que diz respeito ao equipamento, a capacidade Sniper deveria ter ao seu dispor material que lhe permitisse o cumprimento de missões em ambientes de visibilidade reduzida e, simultaneamente, dispor de armamento de calibre diferenciado, vocacionado para o cumprimento de missões no âmbito das Operações Convencionais.

Ao nível dos recursos humanos, apesar de conseguirem dar cumprimento às missões designadas, fruto das entrevistas que foram feitas, verificou-se que têm sido destacadas poucas equipas Sniper com as Forças Nacionais Destacadas, principalmente no Teatro de Operações do Afeganistão, pelo que, futuramente, o número de elementos com a valência Sniper deveria ser incrementado com a finalidade de permitir não só aos comandantes terem mais equipas Sniper disponíveis, como também permitir uma maior rotação de pessoal, evitando a sobrecarga dos mesmos elementos.

5.2. Resposta à pergunta de partida

Uma vez confirmadas as hipóteses adiantadas para as questões derivadas, procurámos dar resposta à pergunta de partida “Qual o emprego das equipas Sniper, em função das necessidades de apoio dos Batalhões de Infantaria?”.

Neste sentido, e de acordo com a investigação desenvolvida, podemos dizer que, tendo em conta todas as envolventes e fatores influenciadores do ambiente operacional, onde o Batalhão de Infantaria é empregue, a capacidade Sniper assume uma importância fulcral, sendo empregue sobretudo em missões de recolha de informações, proteção e segurança da força, contribuindo significativamente com informação essencial para o planeamento e desenvolvimento das ações do Batalhão de Infantaria e para a implementação de medidas de segurança e proteção da força. De acordo com o referido, apesar de ser transversal às várias operações, assume especial relevo nas operações de estabilização.

Nas operações defensivas e ofensivas o Sniper assume-se como fator preponderante na recolha de informação e proteção da força, a título de exemplo temos o emprego do Sniper em travessia de obstáculos.

Em relação às missões de apoio civil, não se visualizaram como uma necessidade crítica dos Batalhões de Infantaria.

5.3. Recomendações

Como já foi feita referência nesta investigação, atualmente quem disponibiliza a capacidade Sniper para integrar as Forças Convencionais são as Forças de Operações Especiais.

A capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria, no que concerne ao elemento humano, deveria ser repensado e reestruturado tendo como finalidade o estabelecimento de uma estrutura adequada e coerente, adaptada ao empenhamento previsto para cada missão.

5.4. Limitações ao estudo

No desenvolver desta investigação, podemos destacar como principal limitação o facto da inexistência de doutrina nacional, como publicação doutrinária do Exército, no que concerne à capacidade Sniper na vertente convencional, tendo-se recorrido a doutrina Americana e NATO.

5.5. Propostas para investigações futuras

Dado que, cada vez mais, os conflitos se desenvolvem em ambiente urbano, e portanto, cada vez mais próximo das populações, seria interessante estudar a temática Sniper, com recurso ao Sniper de Operações Especiais e o seu emprego no âmbito das operações de estabilização.

BIBLIOGRAFIA

Referências Bibliográficas:

Army, H. D. (1994). *Field Manual 23-10 Sniper Training*. Washington DC, Estados Unidos da América.

Army, H. D. (2001). *Field Manual 3-0 Operations*. Washington DC, Estados Unidos da América.

Army, H. D. (2002). *Field Manual 3-06.11 Combined Arms Operations in Urban Terrain*. Washington DC, Estados Unidos da América.

Army, H. D. (2006). *Field Manual 3-21.10 The Infantry Battalion*. Washington DC, Estados Unidos da América.

Army, H. D. (2003). *Field Manual 3-21.21 The Stryker Brigade Combat Team Infantry Battalion*. Washington DC, Estados Unidos da América.

Army, H. D. (2003). *Field Manual 3-90.2 The Tank and Mechanized Infantry Battalion Task Force*. Washington DC, Estados Unidos da América.

Centre, I. S. (2004). *Sniper Course Handbook*.

Couto, A. C. (1988a). *Elementos de Estratégia - Apontamentos para um Curso* (Vol. I). Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.

Exército, E. M. (5 de Agosto de 2009). *Brigada de Intervenção - 1º Batalhão de Infantaria. 1º BI Quadro Organico*. Lisboa.

Instrução, E. P.-D. (2001). *Manual do Batalhão de Infantaria*.

Lousada, A. P., & Escorrega, L. C. (23 de Outubro de 2011). Da importância do instrumento militar na actual tipologia de conflitos. *Revista Militar*.

Militar, A. (2007). *Logística M-151*. Lisboa.

Pegler, M. (2001). *The military sniper since 1914*. Oxford, United Kingdom: Osprey Publishing.

Plaster, M. J. (2008). *The History of Sniping and Sharpshooting*. Boulder, Colorado, United States of America: Paladin Press.

Português, M. d.-E. (2010). *Publicação Doutrinária do Exército 0-18.00 Abreviaturas Militares*. Lisboa.

Português, M. d.-E. (2012). *Publicação Doutrinária do Exército 3-00 Operações*. Lisboa.

Português, M. d.-E. (2012). *Publicação Doutrinária do Exército 3-52.05 Manual Doutrinário da Brigada de Intervenção (VBR PANDUR II 8x8)*. Lisboa.

Português, M. d.-E. (2005). *Regulamento de Campanha - Operações*. Lisboa.

Ramalho, J. L. (13 de Abril de 2010). Desafios da Conjuntura Estratégica Actual, para os Exércitos de Hoje. Lisboa, Lisboa.

Publicações em Série

Escorrega, L. C. (Agosto/Setembro de 2009). A segurança e os "novos" riscos e ameaças: perspetivas várias. *Revista Militar*, pp. 1001-1034.

Garcia, F. P. (2006). O Fenómenos Subversivo na Actualidade. Contributos para o seu Estudo. *Nação e Defesa*, pp. 169-191.

Lopes, A. (16 de Abril de 2012). O Sniper. *Ponto de Reunião*, pp. 32-37.

Oliveira, A. J. (2010). O instrumento militar no actual contexto estratégico. *Instituto Português da Conjuntura Estratégica - Estratégia*, XIX, pp. 17-49.

Wallace, W. S. (Julho-Agosto de 2008). O Anteprojecto do Exército. *Military Review*, pp. 2-8.

Bibliografia de Apoio

Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (5ª Edição ed.). São Paulo, Brasil: Editora Atlas.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva

Sarmiento, M. (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Científico para a elaboração, escrita e apresentação de teses de doutoramento, dissertações de mestrado e trabalhos de Investigação Aplicada* (2ª ed.). Lisboa: Universidade Lusitana Editora.

APÊNDICES

APÊNDICE A – GUIÃO DA ENTREVISTA



ACADEMIA MILITAR

Os Snipers no Apoio às Forças Convencionais

**Aspirante Aluno de Infantaria
João Francisco Godinho Baptista**

Orientador: Major de Infantaria Anselmo Melo Dias

**Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, 2012**

Carta de Apresentação

No âmbito do Trabalho de Investigação Aplicado, parte integrante do curso Tirocínio para Oficiais de Infantaria, a presente entrevista tem como objetivo a recolha de informação pertinente respeitante a experiências vivenciadas em campanha, relativas ao tema **“Os Snipers no apoio às forças convencionais”**.

Neste sentido, toda a informação disponibilizada poderá contribuir de forma significativa não só para a investigação em curso, como também para futuros trabalhos nesta área.

Desta forma, agradeço a sua disponibilidade para esta entrevista.

João Francisco Godinho Baptista

ASP INFANTARIA

GUIÃO DA ENTREVISTA

Tema: “Os Snipers no Apoio às Forças Convencionais”

Entrevistador: Aspirante de Infantaria João Francisco Godinho Baptista.

Objetivos Gerais:

Perceber qual a capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria.

Verificar qual o emprego dado às equipas Sniper quando integradas nos Batalhões de Infantaria.

Verificar qual a constituição das equipas Sniper, em questões humanas e materiais, que melhor poderiam contribuir para o cumprimento das missões atribuídas aos Batalhões de Infantaria.

Nome Completo:

Cargo/Função:

Posto:

Arma/Serviço:

Missão:

Unidade/Local:

Data:

Hora de início:

Hora de Fim

Blocos Temáticos:

Bloco A: Apresentação da Entrevista

Bloco B: Caracterização da capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria

Bloco C: Caracterização do emprego Sniper ao nível dos Batalhões de Infantaria

Bloco D: Adequabilidade das equipas Sniper no futuro

Blocos	Objetivos	Formulário de Perguntas	Notas
Bloco A: Apresentação da Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> -Apresentação do entrevistador; -Explicar os objetivos gerais da entrevista; - Legitimar a entrevista; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual o seu nome completo? 2. Qual o seu posto? 3. Qual a sua arma ou serviço? 4. Qual a função que desempenha? 5. Qual a função que desempenhou na Missão? 	<ul style="list-style-type: none"> -Referir ao entrevistado os objetivos do trabalho. -Perguntar se a entrevista pode ser gravada. -Referir que alguns dados têm que ser pedidos apenas para registo - Quebrar o gelo
Bloco B: Caracterização da capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria	<ul style="list-style-type: none"> - Verificar as diferenças entre o que está previsto em quadro orgânico e o que existe na realidade - Perceber se a capacidade Sniper que reforça os batalhões de Infantaria é adequada. 	<ol style="list-style-type: none"> 6. Qual a sua opinião em relação à capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria? 7. De acordo com a sua experiência, pensa que a capacidade Sniper que atualmente integra os Batalhões de Infantaria é suficiente em recursos materiais e humanos para fazer face às solicitações que são feitos aos mesmos? 	<ul style="list-style-type: none"> - Abordar a conjuntura atual; - Referir os contrastes entre aquilo que está previsto em quadro orgânico e o que existe na realidade
Bloco C: Caracterização do emprego Sniper ao nível dos Batalhões de Infantaria	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar quais as tarefas atribuídas às equipas Sniper em proveito dos Batalhões de Infantaria; - Qual o emprego que é dado às equipas Sniper quando integradas nos Batalhões de Infantaria; - Verificar, ou não, de que forma é que as equipas Sniper são uma mais-valia quando integradas nos Batalhões de Infantaria 	<ol style="list-style-type: none"> 8. De que forma são operacionalizadas as equipas Sniper em função das missões atribuídas aos Batalhões de Infantaria? 9. No seu ponto de vista, pensa que as equipas Sniper são uma mais valia para os Batalhões de Infantaria quando integradas nestes? 	<ul style="list-style-type: none"> - Abordar as tarefas das equipas Sniper no seio dos Batalhões de Infantaria que integram -Abordar a questão 9. No ponto de vista do comandante de Batalhão
Bloco D: Adequabilidade das equipas Sniper no futuro	<ul style="list-style-type: none"> - Verificar como as equipas Sniper deveriam ser constituídas e equipadas futuramente - Verificar qual o emprego das equipas Sniper no futuro 	<ol style="list-style-type: none"> 10. O que poderia ser alterado para que as equipas Sniper pudessem rentabilizar o seu empenhamento? 11. No futuro, como perspetiva o empenhamento das equipas Sniper? 	<ul style="list-style-type: none"> - Referir se a atual orgânica é pertinente - Abordar a questão do armamento e equipamento - Abordar emprego futuro

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevistado 1

Unidade: Escola Prática de Infantaria

Posto: Coronel

Arma / Serviço: Infantaria

Cargo / Função: Comandante da Escola Prática de Infantaria

Data: 17Jul12

Questão I: Qual a sua opinião em relação à capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria?

Nos QOP aprovados para as unidades de infantaria do Exército Português não está previsto a capacidade Sniper. O que acontece é que quando existe a necessidade de constituir uma força para enviar para o exterior, esta capacidade Sniper é cedida pelas Forças de Operações Especiais.

O facto de não haver a capacidade Sniper em permanência nas unidades de infantaria não me parece que seja um fator importante desde que exista esta capacidade que quando necessária possa integrar uma unidade para cumprimento de uma missão.

Questão II: De acordo com a sua experiência, pensa que a capacidade Sniper que atualmente integra os Batalhões de Infantaria é suficiente em recursos materiais e humanos para dar resposta aos pedidos efetuados aos mesmos?

Quando estivemos no TO do Kosovo em 2007 as equipas Sniper disponíveis na altura foram suficientes para dar cumprimento às missões que lhes foram atribuídas. Contudo em TO como o do Afeganistão, penso que esta capacidade deveria ser mais reforçada dadas as características deste TO e as necessidades de segurança inerentes ao mesmo.

Relativamente ao equipamento e armamento, penso que esta capacidade se encontra bem equipada, na medida em que não sentimos nenhuma necessidade de recorrer a outra tipologia destes para as tarefas que foram designadas às equipas Sniper.

Questão III: De que forma são operacionalizadas as equipas Sniper em função das missões atribuídas aos Batalhões de Infantaria?

A missão do contingente Português destacado para o Kosovo em 2007 era diferente da atual missão. Tínhamos à nossa responsabilidade manter a segurança de um determinado setor. Dentro desta missão os Snipers eram empregues basicamente em dois tipos de tarefas, por uma lado em fazer segurança a altas entidades e em ações de reconhecimento especial no sentido de recolher informações para depois serem desencadeadas operações como por exemplo cerco e busca.

Questão IV: No seu ponto de vista pensa que as equipas Sniper são uma mais-valia para os Batalhões de Infantaria quando integrados nestes? De que forma?

Sem dúvida que são uma mais-valia para um comandante, e ainda para mais com a valência de Operações Especiais. Especificamente, a área Sniper é sempre uma vantagem para qualquer comandante porque há sempre tarefas que podem ser dadas a estas equipas como a segurança, o reconhecimento e a recolha de informações que neste tipo de operações, em que o risco é acrescido, dão uma tranquilidade a qualquer comandante, daí constituírem-se como uma valência indispensável em qualquer força.

Questão V: O que poderia ser alterado para que as equipas Sniper pudessem rentabilizar o seu empenhamento?

Apesar da capacidade Sniper se encontrar bem equipada para o cumprimento das missões que lhes são atribuídas, penso que a evolução passa por acompanhar o desenvolvimento dos equipamentos e armamentos Sniper, para que possam dar uma melhor resposta às missões que lhes são atribuídas.

Questão VI: Dada a rápida mutação e evolução do novo Ambiente Operacional, como perspetiva que futuramente as equipas Sniper possam ser equipadas, constituídas e empenhadas/operacionalizadas?

Existe a tendência de pensarmos que apesar de haver alteração no AO e concretamente nas ameaças, isso vai implicar uma alteração na tipologia das operações militares. Existe uma necessidade de adaptação a estas variações, contudo, a base da tipologia das operações militares é sempre a mesma.

Penso que a forma de emprego das equipas Sniper depende muito do contexto e tipo de missão que cada teatro encerra e que em TO como o do Afeganistão, as missões

não vão ser muito diferentes das do Kosovo, embora com um grau de risco superior. Certamente que as equipas Sniper vão continuar a desenvolver missões de reconhecimento, vigilância, segurança à força e altas entidades, recolha de informação.

Entrevistado 2

Unidade: Centro de Tropas de Operações Especiais

Posto: Tenente Coronel

Arma / Serviço: Infantaria

Cargo / Função: Comandante das Forças de Operações Especiais

Data: 08Jul12

Questão I: Qual a sua opinião em relação à capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria?

Neste momento quem está responsável por formar e fornecer a capacidade Sniper para integrar as forças convencionais são as Forças de Operações Especiais.

A capacidade Sniper prevista em quadro orgânico para integrar as FND corresponde aos requisitos operacionais levantados pela NATO, e nesse ponto penso que esta estrutura orgânica existente deu resposta a esses requisitos.

Relativamente à capacidade Sniper atual e ao modelo adotado pelo Exército em concentrar toda esta capacidade no CTOE, foi na altura uma decisão das mais altas chefias por ser considerada uma competência crítica, não só devido ao facto da formação que ministramos aos elementos Sniper mas também pelo não dispersar desta capacidade, fundamentalmente por razões de segurança. Ao mesmo tempo que foi uma preocupação ao nível da segurança foi também uma preocupação em questões financeiras, e de acordo com a dimensão do nosso Exército, as mesmas equipas Sniper que dão resposta às missões das Forças de Operações Especiais também dão resposta às missões das forças convencionais.

Questão II: De acordo com a sua experiência, pensa que a capacidade Sniper que atualmente integra os Batalhões de Infantaria é suficiente em recursos materiais e humanos para dar resposta aos pedidos efetuados aos mesmos?

No que diz respeito ao armamento, o pressuposto é que um Sniper de Operações Especiais responde às necessidades críticas de um Sniper no apoio a uma unidade

convencional. O que acontece é que, e partindo do princípio que se mantém este modelo, quando esta capacidade Sniper integra uma força convencional, deveria ter sobretudo outro tipo de armamento mais adequado para dar resposta à tipologia de missões convencionais, nomeadamente armas Sniper de repetição em detrimento das armas Sniper de ferrolho, que são aquelas de que dispomos atualmente. Isto pode ser um passo a ser dado no futuro se for mantido este modelo.

No que concerne aos meios humanos, e tendo em conta o nosso nível de ambição que se materializa por ter em operações três batalhões em três teatros diferenciados, e se forem empenhadas equipas Sniper nos mesmos, não dispomos de pessoal suficiente para alimentar as três frentes, tendo em conta que temos de ter pessoal destacado, pessoal em aprontamento e pessoal que tinha acabado de regressar de missão.

Contudo, a capacidade Sniper que dispomos neste momento, apesar de já se ter verificado deficitária ao nível do material e pessoal, tem vindo a dar a melhor resposta, dentro das suas possibilidades, nas tarefas Sniper que são desenvolvidas pelos batalhões de infantaria.

Questão III: De que forma são operacionalizadas as equipas Sniper em função das missões atribuídas aos Batalhões de Infantaria?

Existe uma área fundamental que a maior parte dos comandantes não exploram que é o facto das equipas Sniper se poderem constituir como uns “segundos olhos dos comandantes”, isto é, este sistema de armas têm uma grande capacidade em termos de recolha de informações e como tal poderia ser uma área a explorar por qualquer comandante, o que nem sempre se verifica.

Num outro ponto de vista as equipas Sniper, dentro da tipologia de tarefas atribuídas a estas, podem cumprir uma série de missões como eliminação da ameaça, contra Sniper, apoiar uma retirada no caso de sermos detetados ou batidos pelo fogo, entre muitas outras.

No fundo, existem duas áreas fundamentais, por um lado temos a recolha de informação e por outro o desenvolver de toda a tipologia de tarefas atribuídas ao BI e que estão dentro da capacidade dos Snipers.

Questão IV: No seu ponto de vista pensa que as equipas Sniper são uma mais-valia para os Batalhões de Infantaria quando integrados nestes?

É sem margem de dúvidas uma mais-valia para os BI quando são destacados. Do feedback e que temos recebido das FND onde temos sido empregues, é uma área onde os comandantes têm feito grande referência e é uma preocupação da parte deles terem sempre elementos com competência na área Sniper, e tem sido valorizada de uma forma bastante positiva. Isto depois também se mistura com as valências de Operações Especiais que esses elementos têm, e penso que podendo haver uma escolha entre Snipers convencionais e Snipers de Operações Especiais, apesar de irem cumprir missões no âmbito do convencional, um comandante levaria sempre consigo equipas de Snipers de Operações Especiais.

Questão V: O que poderia ser alterado para que as equipas Sniper pudessem rentabilizar o seu empenhamento?

No meu ponto de vista há uma questão essencial que nem sempre está a ser dada a devida importância, que é o facto de haver um elemento oficial, com formação na área Sniper, que faça a ponte entre o emprego das equipas Sniper e o comandante da força. O papel deste oficial era no fundo o de aconselhar o comandante do BI no que concerne à melhor forma de emprego das equipas Sniper, para a mais diversa tipologia de operações que estivessem dependentes desta capacidade. Este é um fator a ser considerado com o objetivo de se poder empregar da melhor forma e de se tirar o máximo partido da capacidade Sniper ao dispor de um comandante de um BI.

Questão VI: Dada a rápida mutação e evolução do novo Ambiente Operacional, como perspectiva que futuramente as equipas Sniper possam ser equipadas, constituídas e empenhadas/operacionalizadas?

As equipas Sniper de Operações Especiais, dada a sua formação e desenvolvimento de treino operacional, mais do que qualquer unidade convencional, estão preparadas para atuar nessa tipologia de ambientes incertos, que os nossos BI atualmente fazem face. O resultado disso é que, nos últimos anos, as operações especiais têm tido um desenvolvimento e importância superior quando comparadas com outras forças, e isso é sinal que estamos a dar resposta à evolução deste novo ambiente operacional.

Contextualizando com a temática, significa que o facto de estarmos a utilizar Snipers de Operações Especiais em apoio a forças convencionais é uma mais-valia para estas.

Em operações futuras penso que, ao nível do armamento, o principal será o adquirir de armamento Sniper de repetição e calibre intermedio daquele que dispomos, que são as Sniper Accuracy 7,62mm e as Sniper pesadas Barret 12,7mm. Estas duas novas alterações irão, não só permitir dar uma melhor resposta à tipologia das missões desenvolvidas pelas forças convencionais como, por outro lado, este novo calibre intermedio proporciona-nos bater alvos pessoais e materiais com uma única arma.

No âmbito do pessoal, já se verificou que os Snipers que integram as forças convencionais não são suficientes, pelo que perspetivo que futuramente será destacado mais pessoal com a valência Sniper para as FND.

Finalmente, no que diz respeito à operacionalização destas equipas, penso que será tirado mais partido da questão da observação e recolha de informação por parte dos comandantes das FND.

Entrevistado 3

Unidade: Centro de Tropas de Operações Especiais

Posto: Tenente

Arma / Serviço: Infantaria

Cargo / Função: Comandante de Grupo

Data: 08Jul12

Questão I: Qual a sua opinião em relação à capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria?

Os BI neste momento não têm capacidade Sniper orgânica, sendo reforçados com equipas Sniper provenientes do CTOE. A capacidade Sniper que atualmente reforça os BI é a mesma desde a génese desta capacidade no Exército português, por exemplo ao nível do armamento, estamos equipados com armas Sniper de ferrolho 7,62mm e 12,7mm. Somos um Exército de Forças Armadas reduzidas, tal como a Holanda, e à semelhança destes, cedemos os Snipers das forças de Operações Especiais para providenciar esta capacidade às forças convencionais. Isto acontece porque para além de ser dispendiosa a formação de um Sniper, é também difícil manter o seu treino e por conseguinte as suas

qualificações. Eu penso que o esquema Inglês seja o mais adequado, isto é, ter Snipers convencionais nos BI e permitir que estes sejam independentes nesse campo, contudo teriam de ser criadas condições noutras unidades para que houvesse a manutenção dessas capacidades, o que não é fácil no nosso país dado as limitações em questões como os recursos e o financiamento. De acordo com os recursos que temos à nossa disponibilidade, penso que a forma como a capacidade Sniper está organizada e a ser empregue é a mais adequada à nossa conjuntura.

Questão II: De acordo com a sua experiência, pensa que a capacidade Sniper que atualmente integra os Batalhões de Infantaria é suficiente em recursos materiais e humanos para dar resposta aos pedidos efetuados aos mesmos?

Relativamente à parte humana os recursos que dispomos neste momento estão aquém daquilo que seria desejado, havendo um défice de pessoal com a valência Sniper. A estrutura que está pensada em QOP, particularmente nos BIPára não corresponde à que efetivamente é destacada em FND o que nos limita as ações em TO. Normalmente as equipas Sniper quando são cedidas aos BI são articuladas em equipas de quatro elementos.

No que concerne ao material, penso que o equipamento e armamento têm dado resposta aos pedidos que têm sido efetuados aos Snipers contudo, deveríamos ter ao nosso dispor outro tipo de material quando no apoio a forças convencionais, como por exemplo armas de calibre intermédio entre 7,62mm e 12,7mm e com sistema de repetição, bem como equipamento para atuarmos em ambientes de visibilidade reduzida, no sentido de dar uma melhor resposta às missões que nos são confiadas.

Questão III: De que forma são operacionalizadas as equipas Sniper em função das missões atribuídas aos Batalhões de Infantaria?

Quando integrados nos BI existe um conjunto de tarefas e missões desempenhadas, desde o apoio a CRO, apoio a checkpoints, tiro de precisão a médias e longas distâncias de posições dissimuladas, que pode ser utilizado em operações ofensivas, defensivas, em áreas edificadas, ou seja, tanto atuamos como elemento de combate como podemos também atuar como fonte de informações do comandante e da força que está a ser apoiada.

Questão IV: No seu ponto de vista pensa que as equipas Sniper são uma mais-valia para os Batalhões de Infantaria quando integrados nestes? De que forma?

É sempre uma mais-valia para um comandante ter a capacidade Sniper ao seu dispor, e se esta for de operações especiais melhor ainda. O facto de os Snipers do CTOE que integram os BI disporem de maior formação é uma vantagem em relação à utilização de Snipers convencionais. Contudo, é necessário saber utilizar a flexibilidade e versatilidade que o facto da formação e articulação de Operações Especiais lhe confere, o que nem sempre acontece.

Os Snipers dão uma vantagem aos BI que é a diminuição dos danos colaterais dada a sua capacidade de fazer fogo de precisão. Mas não se limita ao tiro preciso a longa distancia, o Sniper é sempre o elemento que se encontra descaraterizado no TO com o objetivo de observar e recolher informações para as transmitir em tempo útil ao comandante, contribuindo para a segurança da força e desenrolar das operações.

Questão V: O que poderia ser alterado para que as equipas Sniper pudessem rentabilizar o seu empenhamento?

Deveríamos apostar mais na questão do material, particularmente no que concerne às munições e ao mesmo tempo no armamento que dispomos, principalmente ao nível dos sistemas óticos e de visão noturna. Para apoiar as forças convencionais seria mais adequado o semi automatismo ao invés dos sistemas de ferrolho que temos ao nosso dispor. Embora o nosso material, quando comparado com forças congéneres, esteja um pouco desatualizado, vai cumprindo os pedidos que nos são feitos, naturalmente com algumas limitações.

Questão VI: Dada a rápida mutação e evolução do novo Ambiente Operacional, como perspectiva que futuramente as equipas Sniper possam ser equipadas, constituídas e empenhadas/operacionalizadas?

No que concerne a questões de organização das equipas Sniper, penso que estamos bem estruturados dado a flexibilidade e modularidade destas, podendo adaptar-se a qualquer tipo de missão no âmbito das operações convencionais, daí mais uma valia no que diz respeito ao fato de serem as equipas Sniper de Operações Especiais a integrarem os BI

em FND. Penso que deveriam de ser destacadas mais equipas no sentido de potencializar esta flexibilidade e capacidade.

No que diz respeito ao armamento, e quando no apoio a forças convencionais, penso que a evolução passa por adquirir armamento com sistema de repetição em detrimento do sistema de ferrolho, dado a tipologia de operações desenvolvidas pelos BI, e por adquirir armamento de calibre intermédio ficando os três calibres ao dispor das equipas Sniper

Entrevistado 4

Unidade: Centro de Tropas de Operações Especiais

Posto: Tenente

Arma / Serviço: Infantaria

Cargo / Função: 2º Comandante da Companhia de Formação / Instrutor

Data: 08Jul12

Questão I: Qual a sua opinião em relação à capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria?

Atualmente a capacidade Sniper encontra-se exclusivamente sob a responsabilidade das forças de operações especiais, isto devido essencialmente à dimensão das nossas forças armadas, dos recursos disponíveis e de questões financeiras.

A capacidade Sniper é de extrema importância em todos os Exércitos e o nosso, não é exceção. O sistema de armas Sniper é, no atual ambiente operacional de cariz assimétrico, de extrema importância dado a sua versatilidade e a redução de danos colaterais. É aqui que o comandante tem o ponto-chave da utilização da capacidade Sniper, para além de ser aquele elemento privilegiado que vai contribuir para o planeamento com a recolha de informações, onde outros sistemas de armas não conseguem ir.

Questão II: De acordo com a sua experiência, pensa que a capacidade Sniper que atualmente integra os Batalhões de Infantaria é suficiente em recursos materiais e humanos para dar resposta aos pedidos efetuados aos mesmos?

No que concerne aos material penso que estamos bem equipados, ainda assim deveria haver mais recursos, principalmente no que diz respeito ao armamento, no sentido

de permitir que haja maior disponibilidade e quantidade para equipar os Snipers destacados em FND, no sentido de permitir uma maior abrangência ao nível do emprego, dando mais flexibilidade ao comandante para poder fazer uso desta capacidade. Deveríamos também estar munidos com camaras intensificadoras de luz para as lunetas Sniper, com o objetivo de assegurarmos o cumprimento de missões em ambientes de visibilidade reduzida.

Relativamente ao pessoal, esse é outro ponto que deveria ser repensado, na medida em que, de acordo com o feedback das FND, os Snipers que têm sido enviados são em número reduzido para fazer face a todos os empenhamentos que poderiam ser atribuídos a esta capacidade, e isto leva a que algumas tarefas sejam cumpridas mas com maior esforço da parte do especialista Sniper.

Questão III: De que forma são operacionalizadas as equipas Sniper em função das missões atribuídas aos Batalhões de Infantaria?

As equipas Sniper podem ser aplicadas fundamentalmente segundo duas vertentes, constituindo-se para o comandante, em ambas as frentes, como um trunfo dado a sua flexibilidade e versatilidade de emprego. Por um lado, há a recolha de informações e observação do campo de batalha, importantíssima para o planeamento e para a atuação durante o desenrolar das operações. Por outro, temos o apoio com fogos de precisão capazes às longas distâncias, podendo ser empregues na tipologia de operações Art.º 5º, das mais variadas formas.

Questão IV: No seu ponto de vista pensa que as equipas Sniper são uma mais-valia para os Batalhões de Infantaria quando integrados nestes? De que forma?

A capacidade Sniper para o comandante é sempre uma mais-valia, pelas mais diversas razões, seja no âmbito da coleta de informações, seja na diminuição dos danos colaterais, seja pela versatilidade e flexibilidade com que este sistema de armas pode ser empregue.

A possibilidade do BI poder ser apoiado por equipas Sniper convencionais seria o ideal para o nosso Exército. Contudo, como isso não é possível, penso que o emprego de equipas Sniper de operações especiais está a ser bem utilizado, cumprindo as mesmas missões e o facto destas estarem capacitadas com a valência de operações especiais é mais uma vertente que pode ser explorada pelo comandante, apesar de a tipologia de missões ser sobretudo no âmbito o convencional. Por vezes aquilo que acontece é que, devido à inexistência de equipas Snipers convencionais no seio das forças convencionais, pode levar

a que os comandantes não saibam tirar o máximo partido desta capacidade, não a aplicando da melhor forma.

Questão V: O que poderia ser alterado para que as equipas Sniper pudessem rentabilizar o seu empenhamento?

Ao contrário daquilo que está previsto em QOP, em muitas FND onde as equipas Sniper de operações especiais são empenhadas, não existe o oficial de ligação da capacidade Sniper ao comandante (SEO). Este oficial, no meu ponto de vista, deveria ter a valência Sniper com a finalidade de simultaneamente melhor assessorar o comandante em termos de planeamento e melhor aplicar a equipas Sniper no terreno. Penso que este ponto deveria ser explorado, pois ia rentabilizar em muito, não só as questões de planeamento, como as de empenhamento das equipas Sniper.

Questão VI: Dada a rápida mutação e evolução do novo Ambiente Operacional, como perspectiva que futuramente as equipas Sniper possam ser equipadas, constituídas e empenhadas/operacionalizadas?

A todos os níveis, não só no âmbito Sniper, quando realizamos uma determinada tarefa, em detrimento de um mau resultado na próxima vez que ela se realize o objetivo é melhorar. E é isso que deve ser feito. Se numa FND, como foi a do Afeganistão, se foi verificado que o pessoal não era suficiente, numa próxima missão deveria ser enviado mais pessoal com a valência Sniper. O mesmo acontece com o material, se durante a FND se verificou que o material está inadequado ou que há algum material em falta indispensável ao cumprimento de determinadas tarefas, esse material deveria ser adquirido para uma próxima FND nesse TO. O facto é que isto nem sempre acontece pelas mais diversas razões, como a falta de pessoal e de disponibilidade financeira.

Este processo de evolução e modernização do material deve ser feito segundo uma linha de evolução das necessidades, que são levantadas nos relatórios de missão, e da evolução da ameaça que, como é conhecido, está em constante alteração e evolução atuando nos dias de hoje mais no âmbito da irregularidade e da imprevisibilidade.

De uma forma geral, e mantendo-se esta tendência das forças de Operações Especiais continuarem a apoiar as forças convencionais com a capacidade Sniper, penso que futuramente irão mais elementos Sniper nos contingentes portugueses, o material vai, naturalmente, sofrer alterações entre as quais a mais significativa vai ser a implementação de armas Sniper semi-automáticas. Quanto ao oficial de ligação, para a capacidade Sniper,

como assessor do comandante seria um ponto-chave na rentabilização do esforço Sniper no seio dos BI. O Sniper deve ser visto e entendido como os olhos do Comandante, com capacidade de intervenção em zona “mais sensíveis”.

Entrevistado 5

Unidade: Centro de Tropas de Operações Especiais

Posto: Sargento Ajudante

Arma / Serviço: Infantaria

Cargo / Função: Sargento de Informações do Grupo de Operações Especiais Alfa

Data: 08Jul12

Questão I: Qual a sua opinião em relação à capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria?

Desde a criação da capacidade Sniper em Portugal até à atualidade, em Portugal, só existiram equipas Sniper de Operações Especiais e penso que o facto de se ter concentrado toda esta capacidade numa única unidade teve a ver com questões essencialmente financeiras.

Ter a capacidade Sniper no seio dos BI é sempre uma vertente que permite o comandante explorar outras modalidades de ação, contudo este deve saber empregar esta valência de forma a poder tirar o máximo partido dela, o que nem sempre acontece.

Questão II: De acordo com a sua experiência, pensa que a capacidade Sniper que atualmente integra os Batalhões de Infantaria é suficiente em recursos materiais e humanos para dar resposta aos pedidos efetuados aos mesmos?

Penso que a capacidade Sniper que atualmente integra os BI, tanto em material como em pessoal, não é suficiente para dar cumprimento aos requisitos que são feitos a estas. Existem alguns fatores que devem ser tidos em consideração, como o tipo de missão, em que muitas vezes o pessoal não é suficiente ou o material não é o adequado.

Por exemplo, na FND em Timor, foram destacadas três equipas Sniper que se revelaram ser insuficientes, na medida em havia muitas solicitações para dar resposta, principalmente ao nível da segurança a altas entidades.

Outro exemplo foi a FND no Afeganistão, onde se verificou que o emprego de meios de visibilidade noturnos era imprescindível ao cumprimento de determinadas

tarefas. Penso que neste momento estamos em processo de aquisição de novo material Sniper, nomeadamente lunetas e outro equipamento, que uma vez ao nosso dispor nos coloque ao nível de dar a melhor resposta aos pedidos que nos são efetuados.

Questão III: De que forma são operacionalizadas as equipas Sniper em função das missões atribuídas aos Batalhões de Infantaria?

Existe uma vasta tipologia de operações nas quais as equipas Snipers podem ser empregues, podendo esta tipologia ser dividida em dois blocos principais. Num primeiro bloco podemos incluir o empenhamento mais virado para a vertente das informações, segurança e proteção da força. Num outro bloco podemos colocar as missões como a eliminação de ameaças através do tiro de precisão às mais longas distâncias e todas as tarefas que estas equipas desenvolvem no âmbito das operações defensivas e ofensivas.

Pegando na experiência que tivemos em alguns TO, na FND de Timor, as missões que nos foram atribuídas eram essencialmente no âmbito da segurança e proteção a altas entidades.

Questão IV: No seu ponto de vista pensa que as equipas Sniper são uma mais-valia para os Batalhões de Infantaria quando integrados nestes? De que forma?

Sem margem de dúvida que a capacidade Sniper é uma valência da maior importância para qualquer comandante de um BI em FND, por mais reduzida que esta capacidade seja em questões humanas e materiais. As equipas Sniper são sempre um trunfo que o comandante tem na mão em qualquer situação, e quanto mais especializadas estas forem mais vertentes o comandante tem para explorar. O facto de serem as equipas Sniper de Operações Especiais a integrarem os BI devido à inexistência das equipas de Snipers Convencionais, é um ponto a explorar pelo comandante, dentro da tipologia de missões no âmbito convencional desenvolvidas pelo BI.

Questão V: O que poderia ser alterado para que as equipas Sniper pudessem rentabilizar o seu empenhamento?

Penso que em cada FND deveria de existir um elemento com a valência Sniper que fizesse a ligação entre o comandante do BI e a capacidade Sniper, o que nem sempre acontece. Por outro lado, para determinada tipologia de missões, de acordo com o empenhamento Sniper previsto, deveria de ser enviado mais pessoal no seio da capacidade

Sniper, não só para rentabilizar a atuação dos elementos que vão em FND como para permitir ao comandante ter mais opções para jogar com esta valência.

Questão VI: Dada a rápida mutação e evolução do novo Ambiente Operacional, como perspectiva que futuramente as equipas Sniper possam ser equipadas, constituídas e empenhadas/operacionalizadas?

Penso que futuramente as equipas Sniper vão continuar a ser empregues com a mesma estrutura e segundo a mesma linha que foi abordada na questão III, com principal destaque para a coleta de informações, reconhecimento, proteção e segurança, dada a nova tipologia de missões, as características do ambiente operacional e da ameaça. Onde poderá existir alterações mais significativas é ao nível do armamento e equipamento, principalmente no que diz respeito à aquisição de armas de calibre diferente das que dispomos e com sistema de repetição, que é o mais adequado para a tipologia de missões convencionais, e se existir a possibilidade e disponibilidade de pessoal, penso que futuramente haverá mais militares com a valência Sniper a integrar as FND.

Entrevistado 6

Unidade: Centro de Tropas de Operações Especiais

Posto: Primeiro Sargento

Arma / Serviço: Infantaria

Cargo / Função: Comandante das Equipas Sniper e Sargento de Pelotão Sniper

Data: 08Jul12

Questão I: Qual a sua opinião em relação à capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria?

No que concerne à capacidade Sniper, aquilo que atualmente está em vigor é que são as Forças Operações Especiais que estão responsáveis por formar, treinar e aprontar esta capacidade para as FA. Penso que esta filosofia, tem essencialmente duas razões: a questão financeira e a questão dos recursos, como por exemplo as carreiras de tiro.

As equipas Sniper são sempre um ponto forte quando integradas num BI. Contudo, como em todas as capacidades que fazem parte de um BI, é necessário saber aplica-la no sentido de tirar o maior partido das suas potencialidades. É necessário que o comandante

tenha algum conhecimento da forma de atuação e aplicação desta capacidade ou tenha alguém que o aconselhe a melhor fazer uso destas equipas, porque os Snipers não são só aqueles elementos que têm como missão eliminação de HVTs podendo ser empregues noutra tipologia de missões no seio dos BI, como por exemplo missões de proteção de força.

Questão II: De acordo com a sua experiência, pensa que a capacidade Sniper que atualmente integra os Batalhões de Infantaria é suficiente em recursos materiais e humanos para dar resposta aos pedidos efetuados aos mesmos?

Quando estivemos no Afeganistão, o armamento ainda não tinha sido sujeito a novas alterações que atualmente dispomos, o que na altura tinha sido uma vantagem para determinado tipo de missões que efetuamos. Este processo de atualização do armamento ainda não se encontra completamente concluído mas penso que quando estiver, estaremos ao nível de dar a melhor resposta as solicitações que nos são pedidas no âmbito das operações convencionais que desenvolvemos no seio dos BI. Uma das carências que sentimos, foi no que concerne aos aparelhos de visão noturna para o armamento Sniper, que para certas missões limitou bastante o cumprimento das mesmas.

Relativamente ao pessoal, sentimos bastante dificuldade em gerir os quatro elementos Sniper que integraram a FND e penso que numa futura missão neste TO deveriam integrar mais militares com a especialidade Sniper.

De qualquer forma, foram dadas respostas a todo o tipo de solicitações embora de uma forma limitada nestes aspetos.

Questão III: De que forma são operacionalizadas as equipas Sniper em função das missões atribuídas aos Batalhões de Infantaria?

No que diz respeito funções desempenhadas pela minha pessoa no TO do Afeganistão, eu como militar mais graduado, era responsável por gerir a equipa e por empenhá-la no âmbito Sniper.

Tínhamos como principais empenhamentos, missões no âmbito da recolha de informações, do patrulhamento, dos reconhecimentos, das escoltas e em missões de proteção de força, embora pudéssemos ser empregues noutra tipologia de missões que neste TO e dada a missão do BI não foram desenvolvidas.

Questão IV: No seu ponto de vista pensa que as equipas Sniper são uma mais-valia para os Batalhões de Infantaria quando integrados nestes? De que forma?

É sempre um ponto forte para o comandante ter ao seu dispor a capacidade Sniper, sendo um elemento essencial num BI, e esta capacidade pode ser ainda mais potencializada quando empregue da forma mais adequada.

No caso dos BI portugueses em FND, em que a capacidade Sniper é oriunda das Forças de Operações Especiais é ainda mais uma vertente que pode ser explorada pelo comandante, embora a tipologia de missões seja no âmbito do convencional.

Só depende do comandante, da sua intenção e do aconselhamento do seu estado-maior tirar o máximo proveito de todo o equipamento, armamento e formação na área de Operações Especiais que a capacidade Sniper que vai destacada com os BI portugueses dispõe.

Questão V: O que poderia ser alterado para que as equipas Sniper pudessem rentabilizar o seu empenhamento?

Para que se possa dar a melhor resposta aos pedidos que são feitos aos elementos Sniper penso que, em questões de orgânica, deveria haver mais militares com a valência Sniper a integrar futuras FND. Também deveria de existir um elemento de ligação, nomeadamente um oficial com a especialidade Sniper, para fazer a ponte entre o comandante e a capacidade Sniper.

Relativamente ao armamento e equipamento deveria de haver uma reestruturação no sentido de se apurar e adquirir quais os itens mais adequados para a tipologia de missões de determinado TO, e para as tarefas que o BI vai desenvolver. Essencialmente, no que concerne ao material o adquirir de aparelhos de visão noturna para o armamento, e no que diz respeito ao armamento o adquirir de armas com sistema de repetição.

Questão VI: Dada a rápida mutação e evolução do novo Ambiente Operacional, como perspetiva que futuramente as equipas Sniper possam ser equipadas, constituídas e empenhadas/operacionalizadas?

Penso que a forma de emprego das capacidades Sniper vai ser ditada pela TTPs da ameaça, contudo vai haver sempre determinado tipo de empenhamento que vamos continuar a desenvolver devido às potencialidades da nossa organização, dos nossos equipamentos, armamento e da flexibilidade que o nosso emprego confere ao comandante,

como por exemplo os reconhecimentos, a segurança da força, a recolha de informação, observação e a eliminação de HVTs.

Futuramente, ao nível da nossa organização interna enquanto equipas, penso que se vai manter a estrutura atual, havendo mais equipas a integrar as FND. No que concerne ao armamento e equipamento, penso que a linha de evolução segue aquilo que referi na questão anterior, onde deverá haver maior disponibilidade de material para determinada tipologia de missões, principalmente ao nível dos aparelhos que permitam fazer tiro em ambientes de luminosidade reduzida, e o armamento passará pela troca do ferrolho para sistemas de repetição.

Entrevistado 7

Unidade: Escola Prática de Infantaria

Posto: Primeiro-sargento

Arma / Serviço: Infantaria

Cargo / Função:

Data: 17Jul12

Questão I: Qual a sua opinião em relação à capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria?

A capacidade Sniper atual no existente em Portugal cinge-se ao CTOE. No meu entender penso que deveria existir capacidade Sniper convencional e capacidade Sniper de Operações Especiais, vocacionadas para missões Sniper convencionais e missões Sniper de OE respetivamente. Uma vez que isso ainda não foi possível, penso que o facto das equipas Sniper de OE integrarem as FND está bem articulado face à conjuntura nacional em questões financeiras e de recursos.

Questão II: De acordo com a sua experiência, pensa que a capacidade Sniper que atualmente integra os Batalhões de Infantaria é suficiente em recursos materiais e humanos para dar resposta aos pedidos efetuados aos mesmos?

Na missão onde estive como Sniper no Kosovo, ao nível de recursos humanos Sniper, estes não foram suficientes na medida em que, para dar apoio às duas companhias

que constituíam o Batalhão, tínhamos apenas uma equipa Sniper, pelo que não nos era possível apoiar simultaneamente as duas companhias.

Ao nível do material, para o cumprimento das missões que nos estavam confiadas penso que estávamos bem equipados, apenas existindo lacunas ao nível do armamento Sniper pesado que era inexistente.

Questão III: De que forma são operacionalizadas as equipas Sniper em função das missões atribuídas aos Batalhões de Infantaria?

No Kosovo, a maior parte de missões que desenvolvemos foi no âmbito da vigilância, da segurança da força e do guiamento da força. Efetuamos também algumas missões onde foi feito uso da formação que as equipas Sniper tinham como elementos de operações especiais, como por exemplo missões de reconhecimento especial, que não poderiam ser desenvolvidas por elementos Sniper de forças convencionais.

Questão IV: No seu ponto de vista pensa que as equipas Sniper são uma mais-valia para os Batalhões de Infantaria quando integrados nestes? De que forma?

O feedback que tivemos dos comandantes, tanto de companhia como de batalhão, foi que esta capacidade foi um ponto forte da força, constituindo-se como uma mais-valia para a mesma, não só pela tranquilidade que gerava no desenvolvimento das ações, devido à constante informação que era transmitida para o comando, como pela forma como esta contribuía para a condução do empenhamento das restantes forças.

Questão V: O que poderia ser alterado para que as equipas Sniper pudessem rentabilizar o seu empenhamento?

Penso que dentro da capacidade Sniper que é destacada em FND deveria de existir um oficial de ligação no sentido de coordenar e empregar de melhor forma a capacidade Sniper que vai em apoio aos BI

Por outro lado também deveria de existir maior liberdade de ação para que estas equipas pudessem atuar em situações crítica como por exemplo a eliminação de ameaças que possam surgir como ameaça às nossas forças.

Questão VI: Dada a rápida mutação e evolução do novo Ambiente Operacional, como perspectiva que futuramente as equipas Sniper possam ser equipadas, constituídas e empenhadas/operacionalizadas?

Em questões de armamento penso que estamos bem equipados, contudo poderia ser adquirido outro tipo de armamento de calibre intermédio àquele que dispomos, no sentido de haver uma maior liberdade de escolha para cada tipo de missão. O mesmo se passa em questões de munições, deveria de haver outros tipos de munições ao dispor das equipas Sniper. Isto no sentido de adequar melhor o tipo de armamento a cada missão com a finalidade de a cumprir da melhor forma e evitar ao máximo os danos colaterais.

Relativamente ao equipamento, deveríamos ter ao nosso dispor melhores lunetas e material que nos permitisse cumprir missões em ambientes de visibilidade reduzida, como as camaras térmicas.

No que diz respeito ao pessoal, para fazer face a todas as solicitações e de uma forma mais eficaz, deveria ser integrado mais pessoal com a capacidade Sniper nas FND.

Entrevistado 8

Unidade: Escola Prática de Infantaria

Posto: Furriel

Arma / Serviço: Infantaria

Cargo / Função: Aluno Curso de Formação de Sargentos de Infantaria

Data: 17Jul12

Questão I: Qual a sua opinião em relação à capacidade Sniper que integra os Batalhões de Infantaria?

Neste momento as forças armadas portuguesas não dispõem da capacidade Sniper convencional, e quando há necessidade de constituir uma força para enviar para o exterior a capacidade Sniper que é destacada é proveniente do CTOE.

Na minha opinião penso que deveria de haver as duas capacidades em que cada uma cumpriria as missões para as quais estavam designadas. Penso que o facto de isso não existir se deve essencialmente a questões financeiras.

Apesar de serem os SOE a serem destacados com os BI, face ao material e equipamento que temos ao nosso dispor, que é o do CTOE, penso que temos cumprido da melhor forma as missões que nos são atribuídas apesar de serem missões no âmbito do convencional.

Questão II: De acordo com a sua experiência, pensa que a capacidade Sniper que atualmente integra os Batalhões de Infantaria é suficiente em recursos materiais e humanos para dar resposta aos pedidos efetuados aos mesmos?

Em questões de recursos humanos aquilo que já se verificou em FND anteriores é que tem ido poucos militares com esta valência face às necessidades que os BI têm em operações onde esta capacidade poderia ser empregue.

Em questões de material, aquilo que dispomos tem cumprido a sua função, contudo penso que já esta na altura de atualizar o armamento. Neste campo, penso que deveríamos ter ao nosso dispor um calibre intermedio àqueles que atualmente operamos, no sentido de para cada tipo de missão adequarmos o armamento à mesma.

Questão III: De que forma são operacionalizadas as equipas Sniper em função das missões atribuídas aos Batalhões de Infantaria?

Na missão onde estive no Kosovo, a grande parte dos empenhamentos que nos eram atribuídos passava por segurança e proteção da força, reconhecimentos, obtenção de informações, guiamento das forças até às posições e segurança a altas entidades.

Questão IV: No seu ponto de vista pensa que as equipas Sniper são uma mais-valia para os Batalhões de Infantaria quando integrados nestes? De que forma?

Sem dúvida. Não só no sentido de mostrarmos às outras forças que dispomos desta capacidade como também pela segurança e tranquilidade que garantimos às nossas forças, quando empenhadas em operações. Para os comandantes também acaba por ser uma mais-valia pela informação que vai constantemente chegando até ele, ajudando-o a empregar melhor o remanescente da força.

Embora no meu ponto de vista, não haja necessidade de empenhar SOE junto das forças convencionais, penso que a valência de OE junto das forças convencionais tem sido uma mais-valia para os BI, na medida em que por vezes são necessárias cumprir missões, como o reconhecimento especial, que só podem ser desenvolvidas com elementos de OE.

Questão V: O que poderia ser alterado para que as equipas Sniper pudessem rentabilizar o seu empenhamento?

Ao nível da estrutura Sniper que integra as FND deveria de haver sempre um elemento de ligação, nomeadamente um oficial com formação ou conhecimentos na área Sniper, que fizesse a ligação entre o empenhamento Sniper e o comando do BI, não só para garantir uma maior liberdade de ação a estas equipas como também para que estas possam ser empregues da melhor forma.

Questão VI: Dada a rápida mutação e evolução do novo Ambiente Operacional, como perspectiva que futuramente as equipas Sniper possam ser equipadas, constituídas e empenhadas/operacionalizadas?

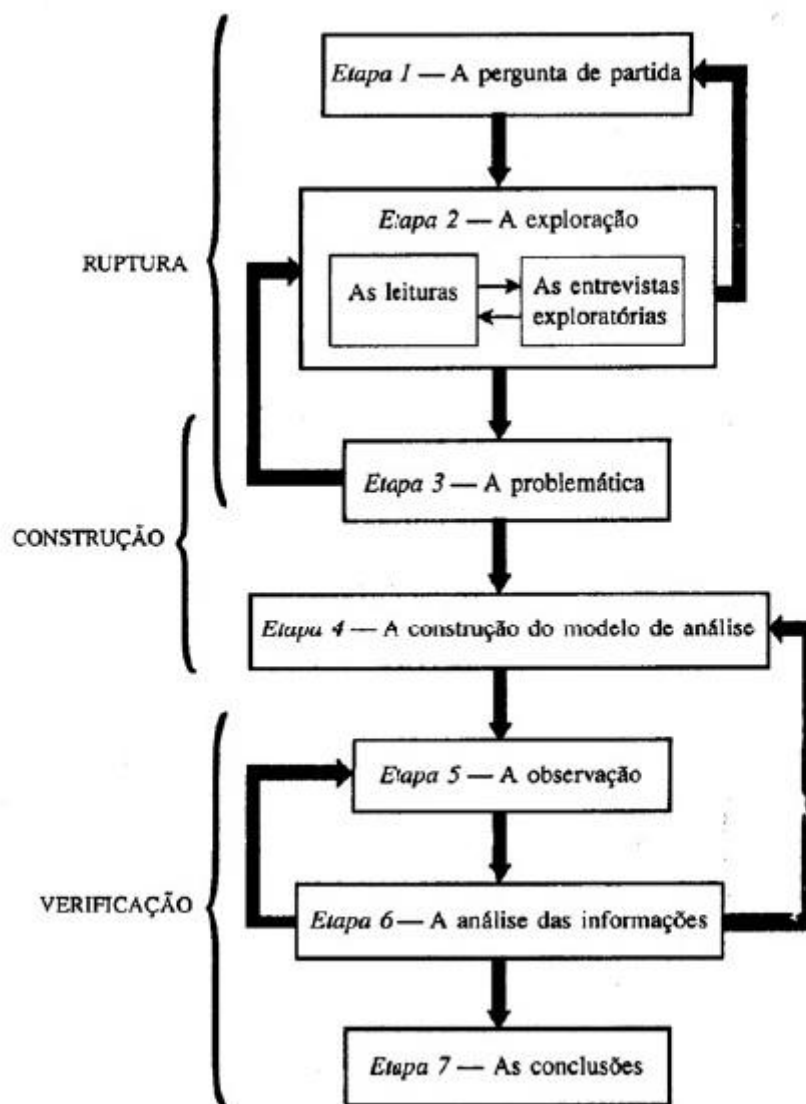
Ao nível do pessoal penso que futuramente vão ser enviados mais militares com a valência Sniper integrados nas FND, porque já foi verificado que a quantidade que tem ido não tem sido suficiente para dar resposta a todos os pedidos efetuados pelos BI.

No que concerne ao equipamento, a grande limitação que temos é ao nível do combate noturno, dado que não dispomos de camaras térmicas que nos permitam atuar em ambientes de visibilidade reduzida. Penso que futuramente essa limitação será colmatada.

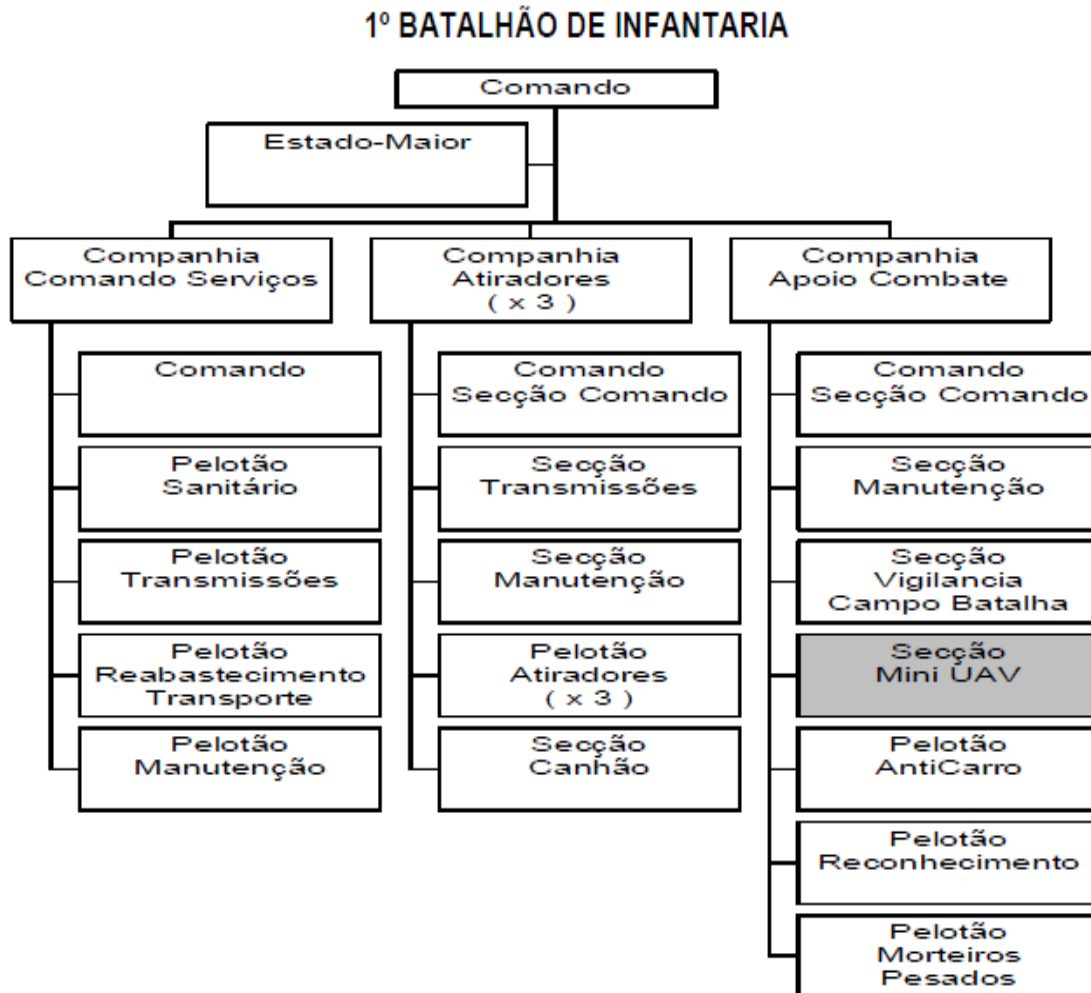
Mantendo-se esta tendência, de serem os SOE a apoiar os BI, em questões de armamento penso que existem dois pontos fundamentais por onde passa a evolução: um é adquirir de armamento de calibre intermédio aquilo que dispomos e a outra é adquirir armamento com sistema de repetição em detrimento do ferrolho, dado o maior poder de fogo que este armamento nos confere para o apoio às forças convencionais.

ANEXOS

ANEXO A – AS ETAPAS DO PROCEDIMENTO



Fonte: (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.27)

ANEXO B – ORGANIGRAMA DO BATALHÃO DE INFANTARIA

Fonte: (EME, 2009, p.2)